

Elane Nardotto Rios

# Manuscritos Feministas-Femininos





# **Manuscritos Feministas-Femininos**



**Elane Nardotto Rios**

# **Manuscritos Feministas-Femininos**



**INSTITUTO  
FEDERAL**

Bahia

2020



**EDITORA DO IFBA – EDIFBA**

Luzia Matos Mota

**Reitora**

Jancarlos Menezes Lapa

**Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação**

France Ferreira de Souza Arnaut

**Coordenador Geral**

Andreia Santos Ribeiro Silva

**Assistente de Coordenação**

---

**Conselho Editorial**

**Titulares**

Ana Rita Silva Almeida Chiara  
Davi Novaes Ladeia Fogaça  
Deise Danielle Neves Dias Piau  
Fernando de Azevedo Alves Brito  
Jeferson Gabriel da Encarnação  
Luiz Antonio Pimentel Cavalcanti  
Marijane de Oliveira Correia  
Mauricio Mitsuo Monção  
Selma Rozane Vieira

**Suplentes**

Jocelma Almeida Rios  
José Gomes Filho  
Leonardo Rangel dos Reis  
Manuel Alves de Sousa Junior  
Romilson Lopes Sampaio  
Tércio Graciano Machado

Ficha catalográfica – Sistemas de Bibliotecas do IFBA

Campus Feira de Santana

Bibliotecária: Mariclei dos Santos Horta

CRB: BA-001792/O

R586m Rios, Elane Nardotto.  
Manuscritos Feministas-Femininos / Elane Nardotto Rios;  
prefácio de Ieda Sampaio. - Salvador: EDIFBA, 2020.  
90p.

ISBN: 978-65-88985-02-1

1. Mulheres e Literatura. 2. Feminismo e Literatura.  
4. Literatura brasileira – crítica e interpretação. I. Sampaio,  
Ieda II. Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica.  
III. Título.

CDU: 305.4

## PREFÁCIO

“Nós, para os outros, apenas criamos pontos de partida.” (Simone de Beauvoir)

Tentando me conter para não dar “spoiler” do livro e me esforçando para conter meu entusiasmo, vou lhe contar um pouco sobre sua autora e seu texto, que li e reli numa sentada.

Sabe aqueles livros que a gente se identifica e que quer sair por aí estimulando a todos que o leiam? Pois bem... foi assim que recebi o Manuscritos, às 22:00 horas de um dos últimos dias do final do ano de 2019 e até agora não consigo parar de pensar sobre o mesmo.

Para começar, a autora é daquelas pessoas intensas, cheias de vida e emoção que conseguem transformar vida, teoria e prática numa só coisa. Aí, seus relatos, sua experiência, sua vivência vão se escorrendo pelas mãos, gerando uma rara escrita, daquelas que são encontrados em grutas profundas, escondidas há muito tempo e que se tornam riquezas sem fim em mãos especializadas e dão luz à descobertas essenciais, aquilo que importa mesmo, de verdade, para a vida.

Sua sensibilidade, sua experiência e os caminhos que escolheu percorrer até agora, lhe permitem ser ao mesmo tempo uma mulher feminina/feminista que vai iluminando o caminho de quem quer que lhe encontre por aí, bem como um ser humano incrível, curioso e explorador de curas e de novas descobertas.

Seu livro é, como é mesmo sua autora, leve e consistente. A partir dela (autora) e dele (livro), seu leitor vai repensando a vida, suas escolhas pessoais, seu próprio jeito de ser e estar no mundo. Vai se percebendo e vendo a importância de ampliar mentalidades e, como gente, incluir pessoas - todas elas! na grande ciranda da vida.

O livro trata de humanidades, especialmente da humanidade contida no sagrado feminino, fortalecido por ideias e ideais feministas. É generoso, incluyente, amoroso e respeitoso. É intrigante, provocador, alegre, criativo. Cutuca nosso pensamento.

Ieda Sampaio



## APRESENTAÇÃO

Há um tempo que venho me dedicando e desenvolvendo pesquisas, projetos de extensão bem como estudos em torno das questões de gênero, feminismos e o lugar da mulher nas esferas públicas e privadas. A materialidade disso, deu-se, de forma mais efetiva, quando me tornei professora de Língua Portuguesa no Instituto Federal da Bahia, há 9 anos, embora já atue na Educação há 26. Portanto, já expressei meu agradecimento à Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica que, mediante uma legislação mais humanista desde a sua criação, em 2008, através da Lei n. 11.892/08, permite-nos levar a contento uma formação humana para estudantes que se inserem no mercado de trabalho através dos cursos técnicos.

Nessa perspectiva, a literatura norteia os manuscritos que estão neste livro, pois, através das múltiplas leituras de textos literários em sala de aula fomos, eu e estudantes, realizando as nuances do lugar da mulher e, assim, elas foram se concretizando e o debate foi posto. No artigo *História, perspectiva e contradições no ensino médio integrado na Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica*, escrito por mim, em 2017, defendo uma formação crítica e política para estudantes por meio das disciplinas propedêuticas a fim de problematizar o pragmatismo na construção da profissionalidade. Eis a função da literatura, formadora de humanidades.

Além da literatura, os manuscritos deste livro dialogam com textos de grandes teóricas dos feminismos como Simone de Beauvoir, Ângela Davis, entre outras. Dialogam também com as experiências que fui construindo enquanto mulher e em articulação com outras mulheres, neste mundo de pessoas de “carne e osso”. Já passou da hora de compreendermos e colocarmos em prática o dado de que o campo empírico pode e deve dialogar a todo o tempo com o campo das grandes ideias.

Nas teias da abordagem colaborativa de pesquisa, algo que venho estudando e escrevendo há um tempo, defendo que não dá mais para separar os saberes da prática e os teóricos. Rever esse distanciamento é o grande desafio para nós, pessoas pesquisadoras (NARDOTTO, 2018).

Com isso, este livro traz 11 manuscritos e alguns poemas entremecendo pesquisa documental, projetos de extensão com textos literários escritos por mulheres, ideias teórico-empíricas, relatos mediante escuta sensível na sala de aula e nos coletivos feministas, e experiências vividas por mim que, por sua vez, ultrapassam o campo da individualidade, pois trazem as experiências de outras subjetividades, afinal, a formação da consciência humana supõe interação e construção coletiva de ideias, valores e visões de mundo.

Acredito que este livro tem a possibilidade de ampliar o debate sobre o ser-construir-Mulher de modo a alimentar o desejo e a coragem de nós, docentes, para concretizar na prática pedagógica leituras da palavra escrita e permitir que tal palavra dialogue com a leitura de mundo de cada subjetividade tocada. Somente assim, cumprimos a função social, democrática e inclusiva dos espaços de ensino: formação de humanidades.

## SUMÁRIO

<b>Mulheres na Literatura: reflexões sobre Gênero e Feminismos no Instituto Federal da Bahia .....</b>	<b>11</b>
<b>Representatividade de mulheres escritoras em livros didáticos .....</b>	<b>17</b>
<b>As Sufragistas sob uma perspectiva da manifestação masculina .....</b>	<b>23</b>
<b>AUTONOMIA AFETIVA: uma subjetividade possível pela trama de <i>A Moça Tecelã</i>, Marina Colasanti .....</b>	<b>25</b>
<b>Entre Machados, vamos libertar Capitu .....</b>	<b>31</b>
<b>A conversa com Ana Maria Machado continua... ser-construir-Mulher: debate sobre feminismos no Instituto Federal da Bahia .....</b>	<b>37</b>
<b>Mulheres na Ciência e na Política: uma conversa preliminar .....</b>	<b>43</b>
<b>Conceição Evaristo, Ângela Davis e suas narrativas .....</b>	<b>49</b>
<b>Mulheres LGBTQIA+ e as lutas feministas: suscitando debates posteriores .....</b>	<b>55</b>
<b>O Sagrado Feminino que habita em mim saúda o Sagrado Feminino que habita em ti .....</b>	<b>59</b>
<b>Libertação do Corpo: possibilidades do Grupo de Dança-Terapia Alvorecer .....</b>	<b>67</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>69</b>



## **Mulheres na Literatura: reflexões sobre Gênero e Feminismos no Instituto Federal da Bahia**

*Somos mutantes, mulheres em transição.  
Como nós não houve outras antes.  
E as que vieram depois serão diferentes.*

*Marina Colasanti*

**N**ão é de hoje que há uma defesa da importância da Literatura na organização curricular do Ensino Médio como experiência cultural e estética carregada de sentidos, sensações e emoções de forma a garantir uma formação leitora, humanística e intelectual nos espaços de ensino. Valoração curricular construída, em especial com a ascensão da burguesia, no século XIX, que acabou por se reconfigurar diante das demandas imediatas e pragmáticas materializadas dentro do que chamamos “auge do capitalismo” ou tempos hipermodernos, resultado do mercado profissional mediado pela eficiência técnica nos tempos atuais. Nesse cenário, problematizo: o que legitima a permanência da Literatura no currículo do Ensino Médio se não for para as provas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e para os exames vestibulares? O que legitima a Literatura no currículo do Ensino Médio Técnico Integrado da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica considerando uma lógica de aprendizagem técnica e profissional voltada para atender ao mercado? Qual a finalidade da arte literária diante do imediatismo e do pragmatismo a que estamos imbuídas/os/es nestes tempos?

Possíveis réplicas para essas questões presentifico: o pressuposto de que a arte literária mediada por palavras poéticas, seja em verso ou em prosa, permite a fruição estética e um meio de humanização para

combater a humanidade coisificada e codificada; a formação do pensamento teórico, reflexivo e crítico; autonomia intelectual e cultural de modo a compreender nuances e complexidades do mundo e das pessoas; afinamento das emoções e senso de estética; constituição da alteridade e da ética ao reconhecer todas as pessoas como semelhantes; conhecimento e apropriação de produções literárias; formação de leitoras e leitores de textos literários.

No âmbito legal, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, n. 9394/96, referenda os argumentos acima ao legitimar diretrizes para o Ensino Médio, em especial no Art. 35, no inciso III, quando apresenta “[...] o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e do desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico” (BRASIL,1996).

No texto *Políticas Públicas para a Educação Profissional e Tecnológica*, publicado pelo Ministério da Educação (MEC), em 2004, há uma intensificação da dimensão humanística na formação técnica materializada nos valores éticos, sociais e políticos. Nas Concepções e Diretrizes da Educação Profissional e Tecnológica (BRASIL, 2010), concebe-se a formação humana e cidadã como precedente à qualificação do exercício para o labor ao entrelaçar cultura, trabalho, ciência e tecnologia em favor da inclusão social e da democratização do saber. Uma educação profissional e tecnológica em sintonia com os valores universais das/os/es seres humanas/os/es garantida através da cultura e das artes, bem definida em uma passagem do livro *Institutos Federais: uma revolução na Educação Profissional e Tecnológica*: “a música, tão cultivada em muitas escolas, deve ser incentivada e fazer parte da formação de nossos alunos, assim como as artes plásticas, o teatro e a literatura” (PACHECO, 2011, p. 11).

Chamo a atenção que no universo literário especifiquei, neste manuscrito, o lugar das mulheres escritoras considerando a indicação de Coelho (2002) quando reconhece o lugar da mulher na literatura no momento em que a Poesia, ao anunciar o nascimento do Amor, acabou codificando as relações homem-mulher, tal como a civilização cristã. Como exemplo, tem-se a poesia trovadoresca que, em linhas gerais, trazia a vassalagem amorosa à amada escolhida. Um amor cortês

que apresenta os ideais da Igreja difundidos no culto à Virgem Maria em contraponto à imagem negativa, representada por Eva. Desse modo, a poesia trovadoresca foi um dos grandes meios de difusão da dupla imagem feminina: positiva e negativa. Em contrapartida, a autora mostra que a Historiografia Literária pode se constituir de forma transdisciplinar para abarcar os complexos entrelaçamentos e possibilidades de uma literatura escrita por mulheres e por homens. A fim de garantir essa ideia, Coelho (2002) apresenta uma trajetória da literatura feminina em Portugal e no Brasil perpassando os séculos XIII até a atualidade, objetivando dar visibilidade ao coro de vozes femininas que por muito tempo foi (é) ignorado pela Historiografia Literária.

Não podemos perder de vista que a escrita feminina, no âmbito da literatura, também foi vista, nos seus contextos de produção, como “um capricho feminino” ou até mesmo uma ameaça aos costumes arraigados da sociedade; quando, na verdade, a produção literária escrita por mulheres pode ser vista como uma libertação criadora, estética e, até mesmo, uma denúncia da ideia de que o mundo feminino deve estar sob à luz do mundo masculino.

Se observarmos que tal produção foi vista como um “capricho feminino” e, ao mesmo tempo, uma luta criadora da mulher para dizer a ela mesma quem ela era, compreendemos o que estamos vivendo na atualidade. Não por acaso, no debate sobre a Lei n. 13.005/2014 (Plano Nacional de Educação), o Senado alterou a redação do inciso III “igualdade racial, regional, de gênero e de orientação sexual” para “cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação” (PNE, 2014). Retirar o conceito “gênero” do inciso implicou, naquele momento, o modo como a construção social, em especial a brasileira, materializa um ideário masculino como agente ativo, até mesmo na constituição das nossas leis se verificarmos que as bancadas legislativas tem uma representação majoritária de homens.

Com o exposto, senti-me motivada a produzir, com a professora Giseli Novais, o evento “Mulheres na Literatura” objetivando debater questões de gênero tomando como fio norteador escritoras interpretadas, apresentadas e musicalizadas por estudantes do Ensino Médio Integrado da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica.

Para tanto, as seguintes escritoras foram selecionadas: Maria Firmino dos Reis; Elisa Lucinda; Cecília Meireles; Conceição Evaristo; Adriana Abreu; Elisa Lucinda, Maria Carolina de Jesus; Cora Coralina; Ana Maria Machado; Adélia Prado; Lygia Fagundes Telles; Clarice Lispector; Marina Colasanti; Zélia Gatai. Entre tais autoras, ocorreu uma preocupação em escolher uma autora local, professora Dra. Adriana Abreu, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, de modo a garantir que a mesma fosse reconhecida de forma mais próxima e, também, pudesse estar presente no evento. A importância desse dado está na ideia de que as/os/es estudantes puderam assistir a sua palestra e, ao mesmo tempo, tiraram dúvidas sobre os conceitos de gênero e feminismo, já que ela pesquisou e publicou sobre esse tema na sua trajetória acadêmica.

Após a escolha das autoras, eu e Giseli distribuímos, de forma aleatória, os textos literários das escritoras entre as 7 turmas envolvidas. Cada turma com as respectivas autoras fez seminários com apresentação da biografia bem como os textos produzidos por elas. Foi um momento rico porque envolveu pesquisa, debates e todas as pessoas puderam socializar entre si as informações e, de certa forma, conhecer um pouco sobre cada escritora em estudo. Em seguida, as/os/es estudantes, de forma autônoma, iniciaram o processo de transposição dos textos literários para uma versão mais artística. Surgiram diferentes formatos: dramatizações, danças e músicas. Elas/es tiveram um tempo para os ensaios sob a orientação das professoras envolvidas, já que, teríamos um momento de culminância para as apresentações. Tal culminância ocorreu num sábado para que todas/os/es as/os/es estudantes e a comunidade externa pudessem participar de forma efetiva. Foi uma manhã de produção de conhecimento e ainda pudemos contar com a presença de uma das escritoras, Adriana Abreu que, por sua vez, foi homenageada.

Falar de “Mulheres na Literatura” implica falar de gênero e de feminismos. As estudantes, sobretudo, quando produziram suas adaptações trouxeram, intrinsecamente, assuntos que diziam respeito à condição da mulher na sociedade de modo a desconstruir o *status quo* que está distante da igualdade de gênero. Todas as performances envolveram



questões sobre os diferentes papéis sociais da mulher bem como o processo de resistência enfrentado por elas para garantir voz e vez, tão ao gosto das escritoras lidas e interpretadas.

No decorrer do desenvolvimento das atividades do projeto, ficou evidenciado o princípio de que somos pessoas inacabadas e sempre construindo a nossa subjetividade mediante a interação com outras existências nas diferentes esferas sociais. Desse modo, não há como conceber um esvaziamento de opiniões, concepções e visões de mundo se estamos falando de prática pedagógica, o que implica o encontro de subjetividades mediante a leitura e a discussão de textos literários escritos por mulheres. Neutralizar isso é o mesmo que negar o espaço de ensino como o lugar da formação humana e cidadã onde a heterogeneidade e o confronto de ideias é parte constitutiva. Concordo com Paulo Freire quando propõe as leituras de mundo nos espaços formais de educação. Princípio básico do que Freire (2001) denominou de dialogismo que se refere, nas palavras do filósofo da linguagem, Mikhail Bakhtin, a “uma arena de luta” como processo de formação da consciência crítica, onde diferentes pontos de vista podem e devem ser experimentados de forma ética, responsável e respeitosa. Negar isso é desconsiderar a natureza do trabalho docente e, pior, tratar as/os/es estudantes como se fossem espaços vazios sem subjetividades.

Com esse tipo de trabalho desenvolvido no Ensino Médio Integrado na Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, aproximamo-nos das indicações de Gramsci (1968) quando defende a Escola Unitária cuja organização deve garantir uma formação humanista e intelectual ao passo que forma para o mundo do trabalho concretizada na formação profissional.



## Representatividade de mulheres escritoras em livros didáticos

*Sempre fomos o que os homens disseram  
que nós éramos.*

*Agora nós que vamos dizer  
o que somos.*

*Lygia Fagundes Telles*

Conforme vimos no manuscrito anterior, construímos um projeto em que a mulher escritora fosse lida e representada pelas/os estudantes a fim de que, devagar, possamos garantir um espaço para aquelas que foram excluídas da Historiografia Literária. Ainda observamos que tal Historiografia pode se configurar de forma transdisciplinar abarcando uma literatura escrita por homens e mulheres (COELHO, 2002). Mas isso ocorre na prática pedagógica de docentes do Ensino Médio? Problematização que me impulsionou a observar em livros didáticos de Ensino Médio o lugar da mulher na literatura, até porque atuo como docente desse nível de ensino e isso sempre foi algo que me chamou a atenção. Como professora, feminista e compreendendo a literatura como espaço de formação humana, não poderia levar para a sala de aula, apenas, textos literários escritos por homens.

Sobre o livro didático, chamo a atenção, inicialmente, que se constitui como uma ferramenta utilizada pelas/os/es docentes e, muitas vezes, de forma automática sem um olhar reflexivo. Nardotto (2018) mostra que tal ferramenta deva ser utilizada, mas não se materialize como único recurso. Implica ultrapassar o uso automático e compreender o livro em toda a sua complexidade, não deixando que a autonomia pedagógica fique refém desse uso. Desse modo, investiguei o modo como a Historiografia Literária,

em livros didáticos, concebe e inclui textos escritos por mulheres. Para isso, busquei os pressupostos da abordagem metodológica documental a fim de levar a contento a análise.

Parti do princípio de que o documento é resultado de um determinado momento histórico, inserido numa sociedade que o produziu. Dessa forma, a análise documental se constitui como uma técnica poderosa em que podemos retirar evidências sobre determinado objeto de estudo. Para Le Goff (1996, p. 547-548, apud BECALLI, 2007), os documentos são definidos como

[...] o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura [...].

Assim, concebi os livros didáticos como documentos objetivando analisar o lugar da mulher escritora na Historiografia Literária. De acordo com Ludke e André (1986), há três vantagens sobre esse tipo de pesquisa: a) os documentos são uma fonte estável, rica e podem ser revisitados inúmeras vezes; b) as fontes documentais surgem num determinado momento e fornecem informações sobre ele; c) esse tipo de pesquisa não traz alto custo para a pesquisadora e ainda permite a análise sem a presença de quem o construiu. Ainda acrescento que a análise documental insere-se numa vertente qualitativa de pesquisa, pois não se investiga em função de resultados e sim na compreensão do objeto em toda a sua complexidade e em seu acontecer histórico.

Analisei a coleção *Português – contexto, interlocução e sentido* (ABAURRE, Maria Luiza; ABAURRE, Maria Bernadete; PONTARA, 2016) já que é a coleção utilizada, no momento, pelas/os/es docentes e estudantes do Ensino Médio do Instituto Federal da Bahia, Campus Jequié. Como a análise ficou extensa e foge do escopo deste manuscrito, socializo, a partir de agora, a produção de dados construída no volume 1 onde encontramos conhecimentos voltados para estudantes do primeiro ano do Ensino Médio.

O volume 1, do mesmo modo que os outros volumes do livro didático em questão, divide os conteúdos de Português em três partes: Literatura, Gramática e Produção de Texto. Apresento dados da parte de literatura haja vista materializar textos e/ou trechos literários escritos, *corpus* escolhido para esta investigação. Nessa parte há 11 capítulos que perpassam desde a “Arte, Literatura e seus agentes” até “Arcadismo”, último conteúdo literário legitimado a ser estudado pelas/os/es estudantes no primeiro ano do Ensino Médio. Vejamos como está a visibilidade das escritoras considerando a Tabela abaixo:

**Tabela 1** – Representatividade de escritores e de escritoras no livro didático “Português – contexto, interlocução e sentido” – v. 1

CAPÍTULOS	TÍTULO DOS CAPÍTULOS	REPRESENTATIVIDADE DE ESCRITORES	REPRESENTATIVIDADE DE ESCRITORAS
1	Arte, Literatura e seus agentes	2 escritores	1 escritora – Heloísa Seixas
2	Literatura é uma linguagem	5 escritores	1 escritora – Sophia de Mello Breymer
3	Literatura é gênero I o épico e o lírico	Épico – 5 escritores  Lírico – 7 escritores	Épico – não há representação de escritoras  Lírico – 3 escritoras - Florbela Espanca, Helena Kolody, Maya Angelou
4	Literatura é gênero II – o dramático	2 escritores	Não há representação de escritoras
5	Literatura é expressão de uma época	5 escritores	Não há representação de escritoras

## Manuscritos Feministas-Femininos

6	Literatura na Idade Média	5 escritores	Natália Correia aparece como adaptadora de textos literários escritos por homens
7	Humanismo	5 escritores	Não há representação de escritoras
8	Classicismo	4 escritores	Não há representação de escritoras
9	Primeiras visões do Brasil	5 escritores	Não há representação de escritoras
10	Barroco	4 escritores	Não há representação de escritoras
11	Arcadismo	7 escritores	Não há representação de escritoras

Podemos lançar algumas questões considerando a produção dos dados acima: por que há uma representação maior de escritores na Historiografia Literária? Será que há uma produção literária escrita por mulheres nos períodos acima em que elas não aparecem? O que leva autoras/es de livros didáticos a não estabelecer uma relação equânime de gênero considerando que possuem liberdade para isso? Como lidar na sala de aula, professoras de literatura, diante dessa invisibilidade das escritoras?

Chamo a atenção que há uma maior representatividade de escritores devido à construção sócio-histórica que subjugou a mulher a esfera privada ao passo que quando essa mulher, mesmo no reduto da casa e do lar, resolveu escrever, havia um julgamento de seus escritos serem considerados “menor” ou “sentimentalista” demais para serem legitimados como literatura.

Com isso, defendo a tese de que a Historiografia Literária de qualquer nação está atrelada à construção da nacionalidade de um país

ou região que, por sua vez, constitui-se como fator de legitimação da conquista e da virilidade de homens desbravadores e destemidos, pois “o mundo sempre pertenceu aos machos” (BEAUVOIR, p. 89, 1949). Como exemplo, a invasão do Brasil, em 1500. Deu-se através de caravanas, pelo mar, constituídas por homens, entre eles os das Letras já que as novas terras a serem conquistadas precisavam do registro para ser repassado aos monarcas que, em Portugal esperavam por notícias. A *Carta de Pero Vaz de Caminha* – fidalgo e escrivão da armada de Pedro Álvares Cabral –, normalmente, abre a Historiografia Literária no Brasil e não podia ser diferente porque o espaço público e das grandes conquistas sempre foi o lugar dos homens. No livro didático analisado, observei que nessa parte do conteúdo de literatura há uma alusão “a linguagem dos cronistas” e, em seguida, um trecho do texto de Pero de Magalhães Gandavo, *Tratado da Terra do Brasil*. Sem desmerecer a literatura produzida nesse contexto histórico, lanço uma questão para investigações posteriores: há, nesse período da Historiografia Literária, no Brasil, escritos de mulheres?

Conforme a Tabela 1, além do período aludido acima, a mulher escritora não aparece em outras escolas literárias. Analiso o Gênero Épico com a *Odisseia* de Ulisses, o herói, retratado por Homero. Uma travessia de aventuras e peripécias materializadas na objetividade de ações imediatas experimentadas pelo protagonista, Ulisses. De acordo com Bakhtin (1993), um texto literário lendário e distanciado de pessoas de “carne e osso” representando um mundo extraordinário vivenciado pelos deuses e heróis gregos, além de ter sido escrito e protagonizado por homens. Ingrasionato (2018) chama a nossa atenção para o fato de esse cenário invisibilizar a mulher mediante uma transposição para os Deuses e Heróis gregos os mistérios que outrora eram reservados às mulheres<sup>1</sup>. A mulher que aparece na “Odisseia” é Penélope, amarrada nas linhas patriarcais ao esperar pelo retorno de Ulisses, durante vinte anos, cumprindo uma fidelidade absoluta a um herói. Ele, por seu turno, pelo mundo afora usufruindo de sua liberdade de ir e vir sem ser questionado num tempo em

---

<sup>1</sup> Abordo esse tema com mais aprofundamento no manuscrito *O Sagrado Feminino que habita em mim saúda o Sagrado Feminino em ti*.

que a mulher grega – com exceção das espartanas – “é reduzida a uma semiescavidão; ela não tem sequer a liberdade de se indignar” (BEAUVOIR, 1949, p. 120). A passividade de Penélope em permanecer em um espaço privado e, ao mesmo tempo, envolvida com os afazeres domésticos a esperar por seu homem que desbravava o mundo em buscas de descobertas e excentricidades.

Retomando as questões anunciadas, reitero uma delas: como lidar na sala de aula, professoras/es de literatura, diante dessa invisibilidade das escritoras? Como docente e atenta a essa invisibilidade anunciada na Tabela 1, incluo a todo o tempo na minha prática pedagógica, na Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, mulheres escritoras e analiso, com lentes teóricas e práticas feministas, o modo como os textos literários escritos por homens reproduzem uma lógica do seu tempo ao passo que trazem uma voz masculina acostumada a comandar o mundo e, também, a escrever sobre as mulheres. Parto do pressuposto de que “elucidar a situação da mulher são ainda certas mulheres as mais indicadas” (BEAUVOIR, 1949, p. 25). Portanto, defendo uma visibilidade da literatura escrita por mulheres, relegada a algo menor e não incluída na Historiografia Literária, conforme vimos. Autoras e autores de livros didáticos, um olhar cuidadoso para essa questão, anunciada por mim, neste manuscrito.



## **As Sufragistas sob uma perspectiva da manifestação masculina**

*Nós não queremos quebrar as leis.*

*Nós queremos fazer as leis.*

*Emmeline Parnkhurst*

**D**ia desses assisti, mais uma vez, ao filme *As Sufragistas* dirigido por *Sarah Gavron* e lançado em 2015. Passado no Reino Unido, início do século XX, retrata a organização e a militância de mulheres destemidas e temidas por homens de sua geração pelo fato de elas utilizarem as mesmas estratégias e lógica de guerrilhas - quebram vidraças, explodem caixas de correio, lutam com policiais, são presas inúmeras vezes – para conquistarem e delimitarem seu espaço no cenário político, a começar pelo direito de votar.

Uma produção dramática e histórica que impõe a mim, uma mulher do século XXI, perspectivar sobre o modo como aquelas mulheres precisaram abrir mão do choro, da sensibilidade, da construção da maternidade, negando-se a si mesmas, aos seus ventres, as suas manifestações femininas e até a sua humanidade para tornarem-se feministas, travestidas de masculinidades ao encarar os homens de frente e utilizando as mesmas táticas e agressividade corporais e discursivas daqueles que votavam e ainda faziam as leis para quem teria o direito de votar naquele tempo. Ressalto que no filme é nítido como elas iniciaram a luta de forma pacífica, dando seus depoimentos e esperando uma atitude responsiva, responsável e solidária de quem constrói as leis. No entanto, foram lesadas! Perceberam que se não negassem toda a construção histórica e cultural dos papéis da mulher naquele século e negassem toda a memória ancestral do feminino entranhada nos seus corpos, jamais conquistariam o que

queriam: votar. Submetidas à violência policial não se vitimaram e foram aguerridas por se igualarem aos homens em prol da igualdade política entre as pessoas.

Hoje, nós, mulheres, exercemos o ato de votar com naturalidade como se fosse algo dado, no entanto, foi esquecido nas amarras da memória, da história, muitas vezes nem lembrado na Educação Básica, de como isso gerou lutas e custou muitas vidas. As sufragistas tiveram de escolher qual aspecto do seu ser manifestaria naquele momento, e a opção por uma versão “agressiva” foi necessária, pois precisavam lidar com a violência dos homens que sabiam quão o movimento pelo voto feminino se fortalecia e como estavam perdendo o controle sobre as mulheres nas esferas privada e pública.

Defendo, da minha perspectiva, no século XXI, que antes de qualquer crítica a uma feminista, tenho o dever, como mulher, de olhar para luta das sufragistas, entre outras lutas, de forma solidária compreendendo que elas, ao anularem a manifestação feminina para se igualarem aos homens, custaram muitos choros engolidos, como na cena em que a personagem da lavadeira Maud Watts não tem o direito de ver seu filho e ainda o vê sendo adotado. Ela bravamente enxuga as lágrimas e assume seu lugar na organização das sufragistas e torna-se uma, definitivamente. Com o exposto, como mulher feminista deste século e ancorada nas minhas manifestações feminina-masculina e nutrida pela ancestralidade matricial<sup>1</sup>, olho para as sufragistas com gratidão e amorosidade e sempre estarei atenta às mulheres que me antecederam e às mulheres do meu tempo, afinal cada uma, a partir de suas narrativas e escolhas, carrega as marcas de ser uma “outridade” em um mundo ainda construído por homens.

---

<sup>1</sup> Discutirei esse tema no manuscrito “O Sagrado Feminino que habita em mim saúda o Sagrado Feminino que habita em ti”, neste livro.

## **AUTONOMIA AFETIVA: uma subjetividade possível pela trama de *A Moça Tecelã*, Marina Colasanti**

*A pessoa feliz pertence a si mesma.*

*Osho*

Será que há possibilidade de as mulheres alcançarem plenamente a autonomia afetiva, levando em conta toda uma construção histórica e social de tutela perpassada pelos pais, irmãos e companheiras/os/es? De uma construção subjetiva de que a mulher não pode nem consegue viver sozinha e por si mesma? Da ideia de que a mulher que não se casa e não tem filhas/os/es é uma fracassada? Será que há possibilidade de uma liberdade interna para aquelas que não querem ser mães ao passo que afirmam sua individualidade e uma autonomia para o seu útero quando abdicam da função biológica? Como conquistar a autonomia afetiva se ainda há mulheres que se submetem a narrativas abusivas para manter uma relação? Com essas questões, defendendo o princípio de que, nós, mulheres, transitamos entre três autonomias.

A primeira refere-se à autonomia financeira que implica o direito de ir e vir, pagar nossas contas e manter nossa subsistência através da nossa força de trabalho que vem, também, da construção da profissionalidade, sobretudo para a mulher que, historicamente, esteve distante da vida pública laboral. A segunda autonomia, a pessoal, configura-se na independência e na liberdade de viver a própria vida sem importar-se com o julgamento, com o olhar alheio. Autonomia marcadamente difícil se considerarmos que vivemos numa sociedade pautada no olhar condenatório para aquelas que se lançam na liberdade de viver e experimentar modos de itinerância que se opõem a padrões culturalmente constituídos como “normais” e “normalizadores”. A autonomia pessoal, nesse âmbito, configura-se na liberdade de ser, existir e transitar nas diferentes

esferas sociais sem necessidade de adequações para se ter acolhimento nessas esferas. Já a autonomia afetiva é aquela na qual conquistamos uma caminhada de paz interior de estarmos bem com a nossa própria companhia materializada no desprendimento do “deixa ir”. Talvez, algo difícil para as mulheres que, conforme problematizei, vem sendo refém, historicamente, de uma tutela que a condena a uma suposta incapacidade de poderem viver só. Na vida prática e discursiva são aquelas frases cansativas que somos obrigadas a ouvir: “vai ficar pra titia”; “um casamento tão bom, vai deixar o marido”; “teve sorte em encontrar essa pessoa”; “como assim, não vai ter filhas/os/es, quem vai cuidar de você?”; “se você não se cuidar, vai perder seu homem”. Arrisco a dizer que o vazio de perder ou uma busca de encontrar sempre um alguém, quando se é mulher, nesta sociedade, pode ser, entre outras possibilidades, porque fomos habituadas a depositar na outra pessoa uma dependência e uma carência construídas, e não necessariamente sentidas.

Essa autonomia pode ser considerada a mais difícil de ser conquistada por nós, mulheres, porque precisamos romper com padrões e formações discursivas que são reproduzidas a todo o instante, conforme vimos, e estão a martelar nas nossas cabeças. Falei de tutela, logo me aproximo do processo de infantilização das mulheres. Há uma cena no filme *As Sufragistas* em que a personagem da lavadeira Maud Watts chega em casa com o seu salário e dá para seu marido. Outra cena, no mesmo filme, passa-se na cadeia quando uma sufragista burguesa quer pagar a fiança das outras mulheres e o marido não permite, embora ela grite que o dinheiro pertença a ela. Ou seja, a mulher, sempre tratada e vista como uma criança que precisa “de cuidados” e de quem cuide dela, inclusive do seu dinheiro. Óbvio que avançamos, mas percebemos, na atualidade, no mundo prático, discursos do tipo: “quanto custou essa bolsa, esse sapato?”; “você é muito gastadeira”; “não tem juízo com dinheiro”. A presentificação de mulheres que entram na sua casa com compras feitas com o seu dinheiro e escondem dos seus companheiros para não sofrerem reprimendas. Será que é possível romper com essa construção e com esses papéis de tutela e infantilização para assim, nós, mulheres deixarmos a sombra e a “outridade” e sermos nós, simplesmente?

No mundo de pessoas de “carne e osso” estamos caminhando para uma autonomia afetiva, mesmo que em passos curtos, a meu ver. Na literatura, nas obras cinematográficas, na ficção, temos exemplos lindíssimos e na vida real temos exemplos empoderadíssimos. Narro, primeiro, da vida real. Dia desses, estava conversando com uma amiga e ela me mostrou entusiasmada uma *lingerie* linda que tinha comprado e estava desejosa para usar. Perguntei a ela: “vai usar com alguém especial”? Ela me respondeu: “não sei ainda, estou vendo meus contatos no whatsApp para ver quem merece”. Essa amiga ainda me relatou que quando recebia uma visita íntima, pedia no meio da madrugada para a pessoa ir embora e dizia o seguinte: “quero acordar e tomar café sozinha, não abro mão desse hábito”. Ao passo que quando desejava deixava a pessoa acordar com ela, tomavam café juntas/os/es e viviam felizes para sempre, mas sempre lembrando de si mesma e que a condição de estar sozinha é um exercício, muitas vezes árduo, mas necessário para a conquista de uma plenitude interna. Quando eu conversava com essa amiga sentia que ela construía internamente e, talvez, sem uma tomada de consciência, a sua autonomia afetiva que implicava estar bem consigo e sem a necessidade de outra pessoa para aparar arestas ou mesmo “tapar buracos” formados mediante a ideia infeliz de que a mulher precisa de alguém para tutorar sua vida, seu corpo, seus desejos e, em muitas situações, seu dinheiro.

Sobre filmes, destaco *Aquarius*, personagem principal protagonizada pela atriz Sônia Braga, representando uma jornalista aposentada que ao ficar viúva não se tornou refém das/os/es três filhas/os/es nem tampouco de uma construtora que fez de tudo para comprar seu apartamento em um Edifício antigo na praia de Boa Viagem, em Recife, onde era a única moradora. Continuou a viver sozinha na sua casa, usufruindo da sua liberdade de ir e vir e, sobretudo, tomar banho de mar todas as manhãs simbolizando o prazer de usufruir da própria companhia nesse ato. Cena marcante é quando sente vontade de transar e contrata um garoto de programa e paga por um prazer. Goza com muita tranquilidade e volta para a sua rotina plena e dona de si. Algo corriqueiro no mundo dos homens, e para a mulher um processo de autonomia e liberdade de si. Quer dizer, a mulher viúva precisa ter outro marido para

materializar seus desejos? Ou ela pode levar uma vida sexual livre, sem culpa e, inclusive, experimentar, sexualmente, pessoas diferentes, algo que talvez não tenha ocorrido na sua vida pregressa?

Na literatura, trago *A Moça Tecelã*, de Marina Colasanti, que brinca com a “Odisseia” ao mostrar uma Penélope mais autônoma que, ao invés de esperar por seu Ulisses, usufrui de uma liberdade mediada pela imaginação ao tecer tapetes de sua vida, de seus sentimentos e desejos. Tudo que queria e necessitava era construído por si mesma através de seu trabalho e da sua própria produção. Com lãs coloridas a vida da moça ia ganhando forma e beleza num imenso diálogo consigo mesma e experimentado as possibilidades do mundo. Num determinado momento constrói um marido imaginário

[...] e aos poucos seu desejo foi aparecendo, chapéu emplumado, rosto barbado, corpo aprumado, sapato engraxado. Estava justamente acabando de entremear o último fio da ponta dos sapatos, quando bateram à porta. Nem precisou abrir (COLASANTI, 2015, p. 38-39)

Sente uma felicidade anunciada com esse homem. Porém, temporária, porque ele descobre o poder de construção das mãos da moça e começa a explorá-la. Sua autonomia e sua feliz solidão se veem reféns de um homem ambicioso que pede que ela construa um castelo grandioso com todas as riquezas e, assim, ela passa horas a fio a construir os desejos do marido. Uma tristeza toma conta do seu ser e nas entrelinhas percebemos como ela se dá conta de que está vivendo uma relação abusiva, uma prisioneira dentro de seu próprio lar; algo comum nas relações afetivas e que é vivido por muitas mulheres. No entanto, a Tecelã não se calou e permitiu livrar-se dessa relação retomando sua autonomia afetiva e

[...] só esperou anoitecer, levantou-se enquanto o marido dormia sonhando com novas exigências. E descalça, para não fazer barulho, subiu a longa escada da torre, sentou-se ao tear. Desta vez não precisou escolher linha nenhuma. Segurou a lançadeira ao contrário, e jogando-a veloz de um

lado para outro, começou a desfazer seu tecido. Desteceu os cavalos, as carruagens as estrebarias, os jardins. Depois desteceu os criados e o palácio e todas as maravilhas que continha. E novamente se viu na sua casa pequena e sorriu para o jardim além da janela. A noite acabava quando o marido estranhando a cama dura, acordou, e, espantado, olhou em volta. Não teve tempo de se levantar. Ela já desfazia o desenho escuro dos sapatos, e ele viu seus pés desaparecendo, sumindo as pernas. Rápido, o nada subiu-lhe pelo corpo, tomou o peito apumado, o emplumado chapéu. Então, como se ouvisse a chegada do sol, a moça escolheu uma linha clara. E foi passando-a devagar entre os fios, delicado traço de luz, que a manhã repetiu na linha do horizonte (COLASANTI, 2015, p. 40).

Assim, a Moça Tecelã não se submete aos ditames da opressão masculina e retoma a sua liberdade de tecer sua existência sem estar refém de um homem, garantindo sua liberdade de sentir e ser por si própria, tecendo a sua caminhada.

Nesses três exemplos vimos quão é importante despertarmos para nós mesmas e compreender que podemos tecer nossas vidas a partir do que acreditamos sem nos ancorarmos naquilo que anunciamos no início deste manuscrito, tutela de alguém. Não só na ficção, mas no mundo real, podemos, sim, encontrar a beleza da nossa autonomia afetiva que, inicialmente, ocorre mediante uma confiança e um ato de amorosidade por nós mesmas. Princípio básico para rechaçarmos as relações abusivas e as expectativas do que esperam de nós, mulheres. Finalmente, lanço mão das palavras de Simone de Beauvoir, do livro *A força da idade*: “nada, portanto, nos limitava, nada nos definia, nada nos sujeitava, nossas ligações com o mundo, nós é que a criávamos, a liberdade era a nossa própria substância” (BEAUVOIR, 2017, p.22).





## Entre Machados, vamos libertar Capitu

*Doer, dói sempre.  
Só não dói depois de morto.  
Porque a vida toda é um doer.*

*Rachel de Queiroz*

**T**arsila, uma das minhas filhas, estudante do Instituto Federal da Bahia, no segundo ano do Ensino Médio, me apresentou uma paródia que ela fez da música *Ai se eu te pego* trocando a letra pelo conteúdo do livro *A audácia dessa mulher* da escritora Ana Maria Machado. Entre os trechos da paródia, destaque: “Críticas a problemas passados, num papo entre dois Machados, quando Bia lê as receitas, Capitu expressa seu fado”. A famosa Capitu, delineada e observada por Bentinho e sob a lente escrita de Machado de Assis. Quem não conhece o grande mistério da literatura brasileira: Capitu traiu? Pergunta que somente começou a ser problematizada quando mulheres aguerridas da literatura, como Ana Maria Machado, resolveram ouvir a Capitu para libertá-la de um julgamento que não teve nem o direito de ser ouvida, afinal, narrado em primeira pessoa e protagonizado por Bentinho, a obra “Dom Casmurro” constitui-se como um relato em que não conseguimos em nenhum momento ouvir a voz, por ela mesma, da mulher tão conhecida com seus “olhos de cigana oblíqua e dissimulada”.

Mas na pena de outra Machado, a Ana Maria, ouvimos Capitu e a sua versão para os fatos que denotam quão precisamos ouvir todas as partes para se ter uma ideia do que ocorreu e ouvir, sobretudo, as mulheres, aprisionadas de seu direito de ser, falar e construídas sócio-historicamente como objetos. Como Capitu esteve refém, todos esses anos, do julgamento de um homem do século XIX, Bentinho, com todas as marcas e as condições históricas e sociais daquele tempo. Um tempo em que a mulher já tinha um papel predeterminado na sociedade que a acolhia ora esposa e

mãe, ora como prostituta; ambas versões serviçais dos homens que, por sua vez, ditavam regras, votavam e criavam as leis de modo a tornar as mulheres ainda mais cativas desses papéis.

Com todos os riscos, afirmo que em *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, uma mulher foi aprisionada, a Capitu. Presa a um ciúme travestido de amor. Não podemos desconsiderar, nesse contexto, o dado de que o ciúme em excesso, diferentemente do amor saudável e equilibrado, pode ser um sintoma de transtorno mental uma vez que, nas relações afetivas, a pessoa que tem esse sentimento tende a criar situações imaginárias e muitas vezes falta a razão para ao menos agir de forma menos impulsiva. A impulsividade de homens ciumentos, inclusive, mata em diferentes lugares do mundo. Em Brasília, como exemplo, entre os anos de 2015 e 2018, das 67 mulheres assassinadas, 55 ou 82% das vítimas, foram alvos de impulsos ciumentos de maridos, ex-companheiros e namorados<sup>1</sup>.

Voltando ao ciúme de Bentinho, em *Dom Casmurro*, ousou dizer que, talvez, Capitu também foi assassinada quando foi degredada para a Europa e lá morre sozinha e em total anonimato sem uma chance dada por Bentinho para ouvi-la sem as lentes do pensamento aprisionado e controlador do homem ciumento. E na lente da autora Ana Maria Machado, em *Audácia dessa mulher*, descobrimos que Capitu foi “morta” pela situação a qual se encontrava na Europa e, também, na sua condição de mulher do século XIX. Sabemos disso porque na obra de Ana Maria Machado há um resgate de uma “escuta sensível” no momento em que lemos uma carta escrita por Capitu a sua amiga Sancha (casada com Escobar e suposto amante de Capitu, de acordo com o ciúme de Bentinho). Ela escreve que, na Suíça,

[...] já estava vivendo uma nova vida, decretei para mim mesma a morte daquela moça alegre e feliz que gostava de bailes no Rio de Janeiro e levava uma vida tão mais leve. Abandonei meu apelido de menina e passei a me

---

<sup>1</sup> Fonte: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2019/03/21/feminicidio-82-das-vitimas-no-df-foram-mortas-por-ciumes-diz-policia.ghtml>

chamar de Lina, usando a outra metade de meu nome [Capitolina]. Mas sou Lina para os poucos amigos íntimos (MACHADO, 1999, p. 193-194).

Ao ler a carta de Capitu, mesmo “morta”, há uma libertação porque ela explica a sua versão acerca da traição a qual foi acusada. Bem, não direi mais nada sobre isso para que possamos ler o livro de Ana Maria Machado e assim emaranharmo-nos na trama, tão belamente construída para ouvirmos a Capitolina.

A morte de mulheres por ciúmes é algo que perpassa a vida “real” e a ficção. Se compreendermos esse sentimento de forma ampla, verificamos que ele ocorre lentamente; basta, nós, mulheres, estarmos atentas aos sinais sutis de aprisionamento em que os homens vão submetendo a algumas companheiras. Na história de *Dom Casmurro*, percebemos o ciúme de Bentinho ainda quando namorava Capitu: ciúmes de um cavaleiro que passava pela rua seguido de uma irritação em que Bentinho ficava ao imaginar ela com outro; ciúme dos braços de Capitu que ficavam expostos devido aos vestidos que ela usava nos bailes; entre outros momentos. Um ciúme travestido de amor e cuidado, no entanto escondendo formas abusivas de submeter a mulher aos ditames da posse e do controle. No mundo de pessoas de “carne e osso” já me deparei com os seguintes relatos de mulheres: “meu marido pegou meu celular e foi para o banheiro ler as minhas mensagens”; “acho que ele tem cuidado comigo quando coloca um aplicativo de localização no meu celular”; “preciso sair do grupo (grupo de amigas – whatsapp) porque meu marido viu umas mensagens e não gostou”; “ele não gosta que eu saia com esta roupa”; “ele não gosta que eu vá a bares”; “meu namorado rasgou todas as fotos que aparecem meus ex-namorados”, entre outras.

Sobre isso, a obra *A audácia dessa mulher*, além de libertar Capitu, traz a narrativa de mais duas mulheres, Ana Lúcia e Bia. A primeira, noiva de Giba que, de todas as formas, quer que ela largue o seu trabalho e arrume outro mais perto de casa. Com essa primeira forma sutil de controle da relação e mediada pelas conversas com Bia, sua amiga, Ana Lúcia vai tomando consciência do quão abusivo

ele se torna ao ter crises de ciúmes até da forma como ela se comunica com as pessoas. Para ilustrar, mais um trecho da paródia feita por Tarsila: “oh Bia, minha linda, resolve essa rixa entre Ana Lúcia e Giba, esse machista; oh Bia, querida, fala com tua amiga; eu quero ver agora, tua audácia feminina”.

Bia, a protagonista, atravessa a narração de Ana Maria Machado construindo seu empoderamento afetivo, a construção do seu amor próprio e a sua capacidade de exercitar a solitude<sup>2</sup>, conquistando um lugar de completude e inteireza que não estivesse atrelado, necessariamente, a outra pessoa, ou mais especificamente, a um homem. Bem parecida com *A Moça Tecelã* do manuscrito anterior, ela vai tecendo sua história com a de Capitu ao ponto de compreender, como mulher do final do século XX, que a felicidade não perpassa, a todo o tempo, a presença de outra pessoa. Reclusa para escrever a história de Capitu, através da carta mencionada, Bia, na Região Serrana do Rio de Janeiro, sente a si mesma da seguinte forma:

[...] na tarde que caía, serviu-se de um copo de vinho e, sentada na varanda, mentalmente fez um brinde, celebrando o trajeto que a levava até aquele instante...a petulância daquela menina, que teve o desprazer de desafiar ordens maternas, planos familiares e a gula da Igreja por novos padres – até ganhar o namorado que seu coração escolhera. E depois de mulher feita, ainda teve a coragem de se arrancar dos fórceps das próprias entranhas e nascer nova (MACHADO, 1999, p.223).

---

<sup>2</sup> Na obra *Amor, liberdade e solitude*, OSHO (2001) delinea o conceito de solitude de diferentes formas e considero pertinente a seguinte definição: “a solidão é um estado negativo, como a escuridão. Ela significa que você está sentindo falta de alguém, que você está vazio, está com medo neste vasto Universo. A solitude tem um sentido totalmente diferente: ela não significa que você está sentindo falta de alguém, ela significa que você encontrou a si mesmo. Ela é inteiramente positiva (p. 190).

Arrancar-se dos fórceps é a metáfora de ver-se livre de si mesma e de tudo que tinha construído até aquele momento. Chega um ponto de amadurecimento que saímos da dependência e da carência afetiva e caminhamos para dentro de nós com a certeza de que nos bastamos. Assim, Bia “ergueu o copo com o final do vinho, brindando a si mesma” (MACHADO, 1999, p 224).



## **A conversa com Ana Maria Machado continua... ser-construir-Mulher: debate sobre feminismos no Instituto Federal da Bahia**

*Nós todos não podemos ser bem sucedidos  
quando metade de nós é retida.*

*Malala Yousafzai*

**A**credito que meu encontro com ideias emancipadoras ocorreu antes de eu me tornar a mulher que sou hoje, antes de eu me tornar professora, antes de eu me tornar feminista e uma pessoa atenta às questões em torno do ser-construir-Mulher, afinal como disse Simone de Beauvoir “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”! Digo isso porque fui me construindo a partir das escolhas, superações, transformações e até mesmo dos embates que fui consolidando em um mundo cuja individualidade e liberdade do homem nunca foram questionadas e sempre foram dadas. O meu ser feminista ouvia desde criança e a todo o tempo as palavras da minha mãe: “estude e trabalhe porque a mulher tem que ser independente”. Palavras que ela encontrava como salvação a tanta violência simbólica que sofria em um casamento marcado por machismo, incompreensões e paternalismo. Isso tudo, aliado a minha inserção na vida acadêmica, como professora e pesquisadora, impulsionou-me a buscar o lugar da voz das mulheres em meio à desigualdade de gênero, tão presentificada nas esferas privadas, públicas e profissionais.

Uma militância iniciada mais como pessoa-professora do que como pesquisadora, haja vista no Mestrado e no Doutorado ter me voltado para pesquisas no campo da Pedagogia da Língua Portuguesa. Mas, na minha prática pedagógica, sobretudo na Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, com estudantes do

Ensino Médio, fui percebendo contextos marcados por misoginia, racismo, machismo, homofobia, entre tantas formas de preconceitos. Por isso, decidi combater tais atitudes, o que foi me rendendo eventos, projetos de extensão, encontros, leituras de escritos feministas, participação ativa em espaços públicos, textos publicados e uma simpatia, especialmente das estudantes, sobre esse ser-construir-Mulher. Sou feminista e em busca da minha indocilidade amorosa<sup>1</sup>, porque foi através disso que consegui conquistar uma autonomia financeira, pessoal e, talvez, afetiva; nesta minha existência de “hesitando entre o papel de objeto, de Outro, que [me] é proposto, e a reivindicação de [minha] liberdade” (BEAUVOIR, 1949, p. 76).

Nesse caminhar libertador, fui lendo textos literários de escritoras e eis que me deparo, através da amiga e pesquisadora Manuella Moura, com Ana Maria Machado. Por indicação de Manu li os textos *Enquanto o dia não chega*, *Bisa Bia*, *Bisa Bel* e *História meio ao contrário* que, mediante enredos criativos, lúdicos e envolventes, vão mostrando modos e concepções de ser-construir-Mulher.

Ana Maria é considerada pela crítica como uma escritora versátil com a palavra literária e, por isso, conquistou a cadeira número 1 da Academia Brasileira de Letras e quando esteve como presidente dedicou-se a programas sociais de expansão do acesso ao livro e à leitura nas periferias e comunidades de risco social. Quando foi homenageada na Festa Literária Internacional de Cachoeira (FLICA), na Bahia, afirmou ter sido militante ao longo da vida e mesmo não se auto identificando como feminista disse que “não tem como na minha geração uma mulher com a minha história, que viveu no Brasil em que eu vivi, não ter uma atitude feminista”.

Feminista ou com atitude feminista, a leitura literária de Ana Maria agrega a possibilidade de transposição para a vida e, na minha visão, a possibilidade de pensarmos uma desterritorialização da representação o dos papéis femininos tão caros em um país que no debate sobre a Lei

---

<sup>1</sup> Discuto o conceito de amorosidade, neste livro. no manuscrito *O Sagrado Feminino que habita em mim saúda o Sagrado Feminino que habita em ti*.



n. 13.005/2014 (Plano Nacional de Educação), alterou a redação do inciso III “igualdade racial, regional, de gênero e de orientação sexual” para “cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação” (PNE, 2014). Retirar o conceito “gênero” do inciso implicou, naquele momento, o modo como a construção social, em especial a brasileira, materializa um ideário masculino como agente ativo, até mesmo na constituição das nossas leis se verificarmos que as bancadas legislativas tem uma representação majoritária de homens<sup>2</sup>.

Imbuída nessas questões efetivei com estudantes do Ensino Médio Integrado da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, Campus Jequié, Bahia, uma leitura literária dos textos de Ana Maria. Nossa primeira justificativa é que se torna relevante, sempre! resistirmos e, também, insistirmos na discussão do tema em questão haja vista acreditar que o espaço de ensino é lugar de formação humana integral para compreendermos as construções e as relações sociais subjacentes aos fenômenos inerentes a todas/os/es seres humanas/os/es. E mais, o lugar de desenvolvimento das capacidades de interpretar, analisar, criticar, refletir e aprender; no nosso caso, aprender que o respeito e a alteridade devem fazer parte da vida social e princípio básico dos Direitos Humanos, afinal, todas as pessoas nascem livres e iguais em dignidade e em direitos.

Do ponto de vista estético crítico-literário, em *História Meio ao Contrário* a autora problematiza a matriz tradicional “Felizes para Sempre” e “A mão da filha-princesa em casamento dada por um Rei-pai em troca de favores”, tão presente nos contos de fadas. Tudo isso questionado por uma personagem-Pastora que afirma: “Eu é que não queria ter que casar com um desconhecido só porque ele é bom de briga” (MACHADO, 2005, p.26). A Pastora, uma moça decidida e destemida que estava achando uma bobagem um rei dar como recompensa a filha em casamento para aquele que conseguisse prender a noite, metaforizado no Dragão de um olho só – a lua. Um Príncipe apareceu para liquidar o Dragão; projeto que não foi

---

<sup>2</sup> Essa informação está presente no primeiro manuscrito deste livro considerando que tais manuscritos podem ser lidos de forma independente.

levado a contento porque a Pastora e as/os/es camponesas/es intervieram junto ao Gigante para defender o Dragão; e ela, ao assistir a empreitada do Príncipe, trocaram olhares que o fez se apaixonar e desistir da ideia de se casar com a Princesa bem como destruir o Dragão. A Princesa, por sua vez, não quis se casar com o Príncipe e disse que tinha muita coisa para ver e viver e que sua história seria construída por ela mesma, o que rompe com a ideia de espera por um casamento, um feliz para sempre, um lar seguro ao lado de um homem. Apaixonadas/os/es, Pastora e o Príncipe resolveram se casar, mas desde que ele se adequasse a vida dela...de Vossa Alteza, ele se tornou vaqueiro. Esse último dado vem ao encontro do princípio de igualdade que pode se estabelecer numa relação, afinal, uma miséria comum faz do laço conjugal um laço recíproco (BEAUVOIR, 1949).

Em *Bisa Bia, Bisa Bel* há uma relação triangular marcada por três gerações diferentes: a menina Isabel (Bel), a Bisavó e a Bisneta de Bel. Três gerações dialogando mediante as construções históricas da identidade da mulher no decorrer dos séculos, ou seja, passado, presente e futuro e as formações discursivas para o ser-construir-Mulher. Bel, em meio a isso tudo, tenta resolver os conflitos existenciais necessários para concretizar a sua liberdade de ser, que é exatamente quando se aceita do jeito que é, embora tenha uma “apelação” para que o ser-Mulher se constitua a partir das representações sociais e do que se espera dela. Vozes do passado (sua bisavó) e vozes do futuro (sua bisneta) compõem o imaginário da menina que, no momento, é uma adolescente em busca da sua identidade feminina, circunstanciada por dúvidas, conflitos, medos e experiências de vida nas esferas públicas e privadas. Acredito que, em síntese, essa a obra de Ana Maria Machado mostra uma perda de tempo no ensinar

[...] as meninas a se preocupar com o que os meninos esperam delas. Mas o oposto não acontece...em todos os lugares do mundo, existem milhares de artigos e livros ensinando o que as mulheres devem fazer, como devem e ou não devem para atrair e agradar os homens (ADICHE, 2015, p. 27).

O mais importante foi Beatriz, a Bia, ter problematizado essas questões no seu imaginário e ter colocado como condição para si as suas experiências de menina-mulher: “Mudanças que eu mesma vou fazendo, por isso que é difícil, às vezes dá vontade de chorar. Olhando para trás e andando para a frente, tropeçando de vez em quando, inventando moda” (MACHADO, 2007, p.77).

Finalmente, na obra *Enquanto o dia não chega*, Manu, a grande heroína, se envolve nas seguintes peripécias: enfrenta a perda da família em Portugal; se passa por um menino para manter uma “certa” sobrevivência em pleno século XVIII; salvou seu irmão da prisão em Lisboa; conseguiu fugir para o Brasil-Colônia; lutou de modo sutil, ao lado do irmão, contra as injustiças da escravidão em território brasileiro. Romance intenso que, também, coloca a menina-Manu como àquela que reinventa o seu cotidiano para conseguir um mínimo de paz e sobrevivência em meio às adversidades de ser órfã (MACHADO, 2013).

Dessa forma, o referido projeto, mencionado no início deste manuscrito, objetivou divulgar e analisar, em contextos de leitura individual e coletiva, três obras da escritora Ana Maria Machado considerando a desterritorialização da representação e dos papéis femininos como lugar de debate do ser-construir-Mulher.

A abordagem colaborativa foi a perspectiva metodológica porque ocorreu a implicação de todas as pessoas participantes – docentes e discentes. A colaboração materializa uma reflexão intersubjetiva e intrassubjetiva em que as/os/es envolvidas/os/es compreendem e refletem sobre os conceitos em questão a partir de sua subjetividade e em colaboração com a subjetividade de outras pessoas, considerando as trajetórias de vida e de formação humana (NARDOTTO, 2016).

Com o exposto, ocorreu uma discussão em sala de aula sobre o tema do projeto e a autora Ana Maria Machado – biografia e obra - com as turmas envolvidas. Em seguida, as/os/es estudantes, de forma autônoma, iniciaram o processo de transposição dos textos literários para uma versão artística: dramatizações, danças e músicas. A culminância do projeto ocorreu no dia 19 de maio de 2018, no Auditório do IFBA,

Campus Jequié. Observei que as/os/es estudantes, nas apresentações das produções artísticas, imprimiram uma marca própria na leitura que fizeram dos textos, o que mostra o espaço de liberdade de criação que é possibilitado pela arte literária que, por sua vez, cumpriu a sua função precípua, que é tornar possível o diálogo entre a ficção e as experiências das pessoas, além de ser espaço de construção de subjetividades ao passo que transgride e subverte o *status quo*, senão não seria arte, seria outra coisa.

## Mulheres na Ciência e na Política: uma conversa preliminar

*Eu mesma nunca fui capaz de descobrir  
precisamente o que é o feminismo.  
Eu só sei que as pessoas me chamam de feminista  
toda vez que eu expresso sentimentos  
que me diferem de um capacho.*

*Rebecca West*

**N**a Semana de Ciência e Tecnologia do Instituto Federal da Bahia, Campus Jequié, no ano de 2019, tive a oportunidade de mediar uma mesa de trabalhos intitulada *Protagonismo da mulher na economia solidária*. Uma mesa que tinha presente Marinelma Macedo Gomes, presidente da Associação das Donas de Casa do Estado da Bahia, cuja criação se deu no quintal da casa dela que, naquele momento, acolheu mulheres dispostas a lutar pela autonomia financeira. A associação, além de garantir a geração de empregos e fonte de renda para as mulheres, constitui-se como espaço de combate à violência e a promoção da justiça social. Outra mulher, presente na mesa, Marilda dos Santos, fundadora da Cooperativa de Produção e Comercialização da Agricultura Familiar do Sudoeste da Bahia (COOPROAF). Graças à luta dessa mulher, a Cooperativa, hoje, oportuniza a outras mulheres uma fonte de renda e conta com três agroindústrias de processamento. Marilda relatou na sua fala que num determinado momento de sua vida, o esposo pediu que ela escolhesse entre ele e a Cooperativa pelo fato de ela ter que se deslocar para outros lugares, até fora do país, representando a Coopraf. Ela não mediu esforços para continuar na luta pela Cooperativa e, assim, garantir o sustento de muitas famílias geridas por mulheres. Por fim, Geovana Pires Araújo Lima, Engenheira de Produção, cujo relato

perpassou preconceitos vivenciados por ela como estudante e professora de um curso que traz uma lógica perversa de ser legitimado, dentro da própria universidade, como lugar de homem. Com o debate proposto por essas mulheres senti-me impulsionada a debruçar-me sobre o lugar da mulher na ciência e na política.

Início com o dado de que embora a população mundial esteja dividida de forma equitativa entre mulheres e homens, não é isso que ocorre na representação na ciência e tecnologia, pois, atualmente, apenas 28% das/os/es pesquisadoras/es são mulheres. No que se refere ao reconhecimento, apenas 17 receberam Prêmio Nobel de Física, Química ou Matemática se comparado ao total de 572 homens<sup>1</sup>. Realidade esta que não tem uma relação com a capacidade intelectual, mas tem uma ligação com as oportunidades e a desigualdade de gênero que se refere, nesse cenário, às construções históricas e sociais implicadas na trajetória de meninas e meninos, iniciadas na família e reforçada nas esferas sociais, entre elas, a escola. Processos excludentes que afastam as mulheres de algumas áreas do conhecimento através de estereótipos de que elas não são capazes de atuar e que esses espaços são para homens. Na contramão desses dados, países que têm políticas de inclusão, a exemplo da Austrália, mostram que as mulheres podem ter um desempenho três vezes melhor que o dos homens, o que implica a capacitação das/os/es professoras/es da Educação Básica como um primeiro desafio para reverter um quadro de desigualdade. Isso porque a escola, como esfera social de aprendizagem, acaba por reforçar, através de atitudes, muitas vezes sutis, a exclusão das meninas. Mas há frentes que militam contra o exposto, a exemplo da Organização das Nações Unidas (ONU) Mulheres, no encontro *Por um Planeta 50-50 em 2030: Mulheres e Meninas na Ciência e Tecnologia*, em que se apresentou o dado de que “em termos de crescimento econômico, 144 países em desenvolvimento aumentarão o PIB em 8 trilhões de dólares se 600 milhões de mulheres e meninas tiverem acesso às áreas de ciência, tecnologia e inovação”<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Fonte: <https://guiadoestudante.abril.com.br/blog/pordentrodasprofissoes/estudo-da-unesco-mostra-que-mulheres-sao-minoria-nas-ciencias/>

<sup>2</sup> Fonte: [www.onumulheres.org.br](http://www.onumulheres.org.br)

A pesquisa *Mulheres na Ciência e Tecnologia: por que tão poucas?*, mediante dados do CNPq, revela que 76% das/os/es cientistas de nível sênior que recebem bolsas de produtividade em pesquisa no país são homens. Mostra que muitas mulheres desistem cedo de trabalhar com ciência. E por que da desistência? A referida pesquisa, através de outros estudos, constata que o tempo integral para dedicação, competitividade, estereótipos masculinos, assédios bem como violência simbólica confluem para que a ciência e a tecnologia fiquem restritas aos homens (REZENDE e QUIRINO, 2017).

No contexto do Instituto Federal da Bahia, Campus Jequié, a professora Vanessa Mutti sinalizou em sua pesquisa o lugar das mulheres no Curso de Eletromecânica, sendo constatado que em 4 anos consecutivos de ingresso nesse curso, em todas as turmas, todas as mulheres desistiram. Diante desse quadro, um projeto de pesquisa-ação voltou-se para verificar os motivos bem como implantar intervenções para a permanência das mulheres no curso que, entre as ações, materializou uma escuta sensível para as questões anunciadas no diagnóstico dos dados (MUTTI, 2018).

Situações como essas talvez explique, também, o que foi constatado na pesquisa *Gênero no Sistema de Ciência, Tecnologia e Inovação no Brasil: o trabalho doméstico como uma forma de ocupação feminina tradicional sociedade brasileira*, a qual denunciou um “exército” de mulheres pobres e, na sua maioria, negras, com baixa qualificação e que recebem baixos salários. Um contrassenso haja vista as empregadas domésticas ocuparem um espaço de outras mulheres que, por sua vez, estão lutando no mercado de trabalho<sup>3</sup>. Nesse contexto, destaco o olhar crítico de Davis (2016) que se aplica ao contexto brasileiro. As mulheres negras cumprem as tarefas de sua própria casa e ainda as tarefas das casas das mulheres brancas, negligenciando a educação de seus próprios filhos pela sobrevivência dos mesmos, além de serem mães substitutas das famílias brancas, o que justifica os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) quanto ao porcentual

---

<sup>3</sup> No momento em que esta pesquisa foi consultada estava no prelo, a ser publicada na Revista Gênero.

de mulheres brancas com ensino superior completo, 23,5%, enquanto o das mulheres negras é 10,4%.

Sobre as Mulheres na Política, chamo a atenção, inicialmente, para as lutas sufragistas<sup>4</sup> considerando o processo histórico de exclusão das mulheres no cenário político. Com o direito ao voto as mulheres não estavam, apenas, indo às urnas, mas, sobretudo, estavam construindo um movimento organizado em busca de espaços na vida pública que resultou, também, na busca de representações femininas no Sistema político.

No entanto, os direitos conquistados nas Constituições Brasileiras, mediante organização de lutas feministas, não garantiu, na prática, a representação feminina na esfera política nacional. Embora se tenha leis como a 9.504/97 que estabelece que 30% das candidaturas por partido deva ser ocupada por mulheres, o percentual de vozes femininas em cargos legislativos ainda é muito baixo se comparado aos dos homens. A pesquisa *A sub-representação feminina na política brasileira em face das inovações democráticas e legislativas* mostra variáveis acerca desse percentual: o pleito por um cargo político é, muitas vezes, balizado pela avaliação que a mulher faz de si mesma, como incapaz intelectualmente; sexismo, preconceito e exclusão do eleitorado masculino e feminino; desigualdade nas tarefas domésticas e familiares; organização partidária com predominância masculina; e disponibilidade de recursos financeiros (CARVALHO e YASUDA, 2017).

Com todo esse entrave para as mulheres ocuparem cargos na esfera legislativa, não se pode perder de vista o diferencial de muitas que assumiram não só o cargo mas também uma pauta de políticas sociais envolvendo direitos humanos/civis e combatendo processos de exclusão na sociedade, tão caro para as próprias mulheres. Nesse cenário, ressalto que diante de um legislativo tradicionalmente patriarcal, muitas que assumem essas pautas não são ouvidas e os projetos de defesa dos direitos das mulheres não chegam nem a ser votados e/ou são desconsiderados.

---

<sup>4</sup> Ver o manuscrito *A legitimidade da manifestação masculina nas sufragistas*, publicado neste livro.



Diante do exposto, destaco a importância de movimentos feministas bem como pesquisas que denunciem violências de toda ordem perpetradas por um modelo patriarcal e machista. A aposta é na continuação da resistência e do fortalecimento coletivo feminino para que as mulheres ocupem espaços públicos na ciência e na política e, assim, garante-se a formação de uma sociedade mais igualitária.



## Conceição Evaristo, Ângela Davis e suas narrativas

*Eu não sou livre  
enquanto alguma mulher não o for,  
mesmo quando as correntes dela  
forem muito diferentes das minhas*

*Audre Lorde*

**N**a Festa Literária Internacional de Cachoeira (FLICA), Recôncavo Baiano, no ano de 2018, tive a oportunidade de apreciar uma palestra de Conceição Evaristo, escritora homenageada naquele ano. Enfrentei uma fila de quase 4 horas para concorrer a um espacinho no Claustro do Convento do Carmo, palco sediado para a sua belíssima conversa sobre ser escritora e negra num país como o Brasil, majoritariamente negro e, ao mesmo tempo, racista e segregador. Aproveitei para comprar o livro *Olhos D'água*, cujas narrativas me enredaram em dois momentos diferentes. Fiz a primeira leitura no mesmo ano da Festa Literária e fiz, a segunda leitura, no ano seguinte, ao apresentar a obra para as/os/es estudantes do Ensino Médio do Instituto Federal da Bahia. A receptividade das/os/es alunas/os/es foi a melhor possível porque elas/es se identificaram com as histórias e sentiram-se representadas/os/es na escrita literária. No momento do debate, como sempre faço na minha prática docente, após a leitura de algum livro, elas/es perceberam as formas da mulher negra estar no mundo, normalmente em contextos desfavoráveis, vindo ao encontro do que foi posto na introdução da obra: “um cenário de discriminações, as estatísticas que demonstram pobreza, baixa escolaridade, subempregos, violações de direitos humanos, traduzem histórias de dor” (EVARISTO, 2016, p. 13).

Conceição Evaristo esteve presente, também, através de seus poemas, no evento que realizamos em 2016, “Mulheres na Literatura”.

manuscrito compartilhado neste livro. Conforme mencionei, foi uma oportunidade de legitimar a representatividade da mulher negra na escrita literária.

Meu encontro com Ângela Davis se deu quando fiz a leitura de sua obra *Mulheres, Raça e Classe*. Ao estudar o livro, pela primeira vez, como feminista, me dei conta de que precisamos conceber os feminismos ao invés do feminismo porque dentro do movimento e do ativismo temos as representatividades que perpassam as múltiplas esferas de luta, de raça, de orientação sexual e de identidade de gênero. Pude ver a importância dessa minha compreensão ao participar do XX Encontro Internacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero, especificamente quando apreciei à Mesa *Mulheres, territórios, resistência e feminismos*. Ouvi uma das palestrantes dizer que as pautas de reivindicações das mulheres negras e das mulheres brancas são diferentes e deu o seguinte exemplo: as mulheres brancas brigaram e brigam, sobretudo, por sua emancipação pessoal/profissional e contra assédios e violências; já as mulheres negras, além de lutarem por isso, todos os dias, lutam pelo sustento de seus/suas filhas/os/es que, na maioria das vezes, ficam sozinhas/os/es e dão graças, no retorno do trabalho, quando encontra-as/os/es vivas/os/es, considerando o racismo estrutural que “autoriza” o genocídio da população negra. Caso elas retornem, se considerarmos os dados do Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (IPEA) que sinaliza que a taxa de homicídios de mulheres negras é maior e cresce mais que a das mulheres não negras. Entre 2007 e 2017, a taxa para as negras cresceu 29,9%, enquanto a das não negras aumentou 1,6%<sup>1</sup>.

Esses dados me lembraram de um dos contos de Conceição Evaristo, “Maria”. Empregada doméstica, no retorno da sua lida, no ponto de ônibus, cansada e cheia de sacolas com restos de comida que sobram da festa dada por sua patroa, e lembrando-se dos filhos (todos homens) que iriam comer as frutas que enfeitaram a mesa e ainda estavam boas. Entrou no ônibus, estava vazio, sentou-se e, em seguida,

---

<sup>1</sup> Fonte: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-06/ipea-homicidios-de-mulheres-cresceram-acima-da-media-nacional>

sem esperar, deparou-se com o pai de um de seus filhos que, além de pagar a passagem dela, perguntou como estava o pequeno e reclamou de saudades. Isso tudo ao lado de Maria, cochichando no seu ouvido. De repente, o homem levantou-se num rompante, juntou-se a outros assaltantes e sacou uma arma anunciando o assalto levando os pertences das/os/es passageiras/os/es. Desceram rápido deixando Maria saudosa daquele homem, um dos assaltantes, a cochichar no seu ouvido. Um passageiro gritou no fundo do ônibus que Maria estava conversando com um dos bandidos e, de fato, estava. Era pai de um dos seus filhos. Mas ninguém se conteve e nem quis ouvir o motorista que disse que Maria era uma pessoa séria e sempre pegava aquela linha naquele horário: “eu conheço esta mulher de vista...todos os dias, mais ou menos neste horário, ela toma o ônibus comigo...está vindo do trabalho, da luta para sustentar os filhos” (EVARISTO, 2016, p. 42). Nada adiantou e Maria foi linchada e não teve tempo de levar as frutas para os filhos. O corpo da mulher estava todo dilacerado e pisoteado quando a polícia chegou.

Um conto literário que mostra o retrato da realidade das mulheres negras neste país com suas lutas e estratégias de sobrevivência, a exemplo dos restos de comida que seriam comidos pelos filhos, aludido por Maria, até mesmo na hora da morte: “Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos...a sacola havia arrebentado e as frutas rolavam pelo chão...será que os meninos iriam gostar do melão?” (EVARISTO, 2016, p. 42). De fato, como mulher branca e feminista, compreendi que as lutas das mulheres têm pautas diferenciadas e onde elas coincidem é no quesito opressão, entretanto, formas diversificadas de opressão atravessada pela cor da pele. Davis (2016) denuncia que a primeira opressão da mulher negra sofrida em solo americano refere-se ao modo como a tratavam. Desprovida de gênero as escravas trabalhavam nas minas de carvão e nas fundições de ferro do mesmo modo que os homens e, apenas, ocasionalmente, eram “esposa, mãe e dona de casa” e não eram tratadas como “sexo frágil”.

Sobre isso, me recordo de uma cena em um determinado carnaval em Salvador – cidade mais negra fora da África – em que uma mulher negra, vendedora de cerveja, atravessou uma parte do

circuito Barra-Ondina carregando um carrinho cheio de latinhas de bebidas e fazendo uso de uma força hercúlea para isso. Ninguém ajudou, nenhum homem parou para empurrar o carrinho. Se fosse uma mulher branca, a indiferença seria no mesmo molde?

Materialidade do que ocorria no período da escravidão nos Estados Unidos – se aplicou ao Brasil, conforme exemplo dado acima – aludido por Davis e proferido por Sojourner Truth – negra, abolicionista, pregadora, defensora dos direitos das mulheres –, em 1851, no *Women's Rights Convention em Akron, Ohio*, Estados Unidos. Com um público maciço de homens e mulheres brancas, Truth, a única negra, disse:

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher?<sup>2</sup>

De acordo com Davis (2016), as mulheres brancas abolicionistas eram solidárias às negras, mas nunca conseguiram compreender a complexidade da situação da mulher escrava. Relevante quando a autora sinaliza que as brancas, inclusive, aprenderam lições importantes sobre a opressão e os assujeitamentos que sofriam ao lidarem com as causas antiescravagistas. Passaram, sobretudo, a desafiar a supremacia masculina a favor de suas causas, entre elas, o direito a votar. Ainda assim, as contradições se presentificavam ao se constatar que no período pós-escravidão, as mulheres negras foram confinadas ao trabalho doméstico, o que evidencia uma escravidão que perdura até

---

<sup>2</sup> Fonte: <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/>

os dias de hoje, conforme chamei a atenção no manuscrito *Mulheres na Ciência e na Política: uma conversa preliminar*, presente neste livro. As mulheres brancas, incluindo as feministas, relutaram em reconhecer as lutas das trabalhadoras domésticas (DAVIS, 2016).

O que de positivo para as mulheres negras Davis (2016) destaca, nesse contexto, é o fato de elas gozarem de “relativa independência” com relação as suas irmãs brancas. Sempre trabalharam fora e livraram-se do dano psicológico que o capitalismo impôs as donas de casa brancas. Quando libertas, nos Estados Unidos, 38% delas trabalhavam na agricultura, 30,8% no serviço doméstico, 15,6% em lavanderias e 2,8% na manufatura. Ao serem desprovidas de gênero e não serem consideradas como “sexo frágil”, as mulheres negras alimentaram-se de uma força para sobreviver e dar o sustento para a família, constituindo-se como um empoderamento inspirador para as feministas brancas.

Diante disso, compreendi que o conceito de feminismo é plural: FEMINISMOS. Assumi o dever, como mulher branca e feminista, que a representatividade precisa ser garantida e respeitada. Em todos os eventos feministas que tenho participado, as mesas são construídas para garantir o lugar de fala, seja para as feministas negras, feministas do campo, feministas indígenas, entre outras. Compreensão construída, em 2017, quando eu e um grupo de jovens estudantes do Instituto Federal da Bahia, Campus Jequié, realizamos um evento intitulado “Mulheres em movimento: reflexões e ações”. No momento de escolher uma grande mulher que representaria a arte das camisas e o próprio evento, deixei que as jovens escolhessem. Elas escolheram “Dandara – a Face Feminina de Palmares” e argumentaram que essa mulher representava qualquer mulher brasileira. Foi lindo de ver e viver! Finalizo este manuscrito com as palavras de Evaristo com quem aprendi o mote de que “Escrever é uma maneira de sangrar”. Acrescento, uma maneira de sangrar e se libertar. Com a palavra, a escritora,

**Vozes-mulheres**

A voz de minha bisavó  
ecoou criança  
nos porões do navio.  
ecoou lamentos  
de uma infância perdida.  
A voz de minha avó  
ecoou obediência  
aos brancos-donos de tudo.  
A voz de minha mãe  
ecoou baixinho revolta  
no fundo das cozinhas alheias  
debaixo das trouxas  
roupagens sujas dos brancos  
pelo caminho empoeirado  
rumo à favela.  
A minha voz ainda  
ecoa versos perplexos  
com rimas de sangue  
e  
fome.  
A voz de minha filha  
recolhe todas as nossas vozes  
recolhe em si  
as vozes mudas caladas  
engasgadas nas gargantas.  
A voz de minha filha  
recolhe em si  
a fala e o ato.  
O ontem – o hoje – o agora.  
Na voz de minha filha  
se fará ouvir a ressonância  
o eco da vida-liberdade.



## Mulheres LGBTQIA+ e as lutas feministas: suscitando debates posteriores

*Ao fim do dia,  
podemos aguentar muito mais  
do que pensamos que podemos*

*Frida Kahlo*

**D**ia desses estava conversando com uma amiga que é professora do Curso de Enfermagem de uma Universidade Pública. A sua lida docente é acompanhar estudantes na construção profissional de exames ginecológicos com pessoas da comunidade em postos de saúde do município. Comumente pessoas pobres, negras e que vivem em riscos sociais. Por conseguinte, necessitam dos serviços públicos para continuar vivendo já que não contam com planos de saúde. Ela relatou, informalmente, mas com um tom reflexivo, de como as/os/es estudantes estagiárias/os/es têm dificuldade de lidar com mulheres que se declaram bissexuais, lésbicas, travestis e transexuais, pois pressupõem que somente as mulheres heterossexuais devem procurar o serviço de saúde ginecológico. Mito materializado no imaginário das pessoas por conta, a meu ver, da dimensão da produtividade do útero. De acordo com a docente, ela se coloca a todo o tempo no papel de desconstruir essa ideia e tentar de todas as formas romper com o aspecto da invisibilidade, do preconceito e dos constrangimentos vivenciados pelas mulheres LGBTQIA+; decorrentes de práticas arraigadas que descon sideram inclusive leis, como é o caso de travestis que ao darem entrada em uma emergência de um Hospital, informam seu nome social, no entanto, na hora do atendimento, são chamadas pelo nome do registro civil, o que resulta numa experiência constrangedora já que é incompatível com suas indumentárias e formas de subjetividade.

Na pesquisa *Mulheres que fazem sexo com mulheres - As faces da homofobia no campo da saúde*, desenvolvida pelas pesquisadoras Daniela Knauth e Nádia Meinerz, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, foi verificado que ainda persistem no imaginário das/os/es médicas/os entrevistadas/os/es a ideia de que a homossexualidade é uma doença<sup>1</sup>, atrelada ao desconhecimento dessas/es profissionais sobre os termos diversidade sexual e gênero, e dificuldades para compreender os conceitos homossexual, travesti e transexual. A pesquisa ainda revelou o constrangimento passado por uma mulher mais masculinizada cujo atendimento por uma médica foi efetivado de portas abertas e ainda com a presença de um guarda, não ocorrendo o mesmo com outras pacientes. Ainda ressalto o dado de que das 35 mulheres entrevistadas, 7 delas não tinham ido ao ginecologista. O que significa isso? O que está por trás disso? Uma frente de lutas a ser encampada por aquelas que sofrem na pele, no corpo e na alma o lugar de ser uma mulher LGBTQIA+ diante de tanto preconceito. E por falar em luta, verso, um pouquinho, sobre a relação entre as mulheres LGBTQIA+ e o feminismo, aqui, no Brasil.

Com a abertura democrática no Brasil, findado o regime militar no início da década de 1980, as lutas LGBTQIA+, aliadas às lutas feministas, trouxe como pauta a liberdade sexual, o reconhecimento civil, a igualdade de direitos e o combate à violência e ao preconceito. A ideia, naquele momento, era desencarcerar as pessoas do mundo privado e levá-las ao público abrindo uma discussão política e social de uma comunidade que por muito tempo foi obrigada a “estar no armário”. Por trás da metáfora “sair do armário” havia uma busca legítima pela igualdade de direitos sociais, humanas/os/es e civis.

Ainda que o Movimento LGBTQIA+ tenha surgido do capital político das organizações feministas, tornou-se autônomo quando foi necessário lutar por questões mais práticas diante, por exemplo, da epidemia da AIDS, na década de 1990. As reivindicações eram por políticas públicas que garantissem tratamento para as/os/es portadoras/es do vírus

---

<sup>1</sup> Fonte: <http://www.epsvjv.fiocruz.br/noticias/reportagem/saude-da-populacao-lgbt>

HIV bem como políticas para a prevenção, orientação e distribuição de preservativos.

Um passo para que os Movimentos LGBTQIA+ ficassem independentes das causas feministas. Nesse contexto, uma questão se desponta: como ficaram e ficam as mulheres bissexuais, lésbicas, transexuais e travestis? Mediante algumas leituras que fiz, e também na escuta sensível de relatos dentro dos coletivos feministas, arrisco a dizer que essas mulheres ficam invisíveis dentro do feminismo heterossexual, trazendo uma tensão desnecessária haja vista questões sobre maternidade, adolescência, gravidez, saúde, trabalho, poder, violência são inerentes à condição de todas as mulheres, independente da orientação sexual e/ou da identidade de gênero, sendo necessário incluir todas através do prisma da interseccionalidade de gênero, raça e etnia. Não devemos desconsiderar que a condição da mulher lésbica, bissexual, transexual e travesti é atravessada por opressões que se inicia pelo fato de serem mulheres, agravando-se com a orientação sexual/identidade de gênero, a raça e a classe social, o que dificulta ainda mais a visibilidade e acentua a violência – seja simbólica ou física –, até mesmo nos movimentos de feministas heterossexuais e no próprio movimento LGBTQIA+ quando se deparam com práticas misóginas dos gays.

Sobre a violência, o Brasil continua sendo o campeão mundial de crimes homolebotransfóbicos. Ressalto, nesse cenário, que não há uma tipificação na legislação brasileira sobre esse tipo de crime, o que acaba sendo enquadrado no que está no Código Penal; além da Lei Maria da Penha, ao contemplar casos de violência na esfera familiar sofrida por mulheres. Mas a literalidade da letra fria da referida lei deixa à margem as mulheres transexuais e travestis. Na pesquisa *A aplicabilidade da Lei Maria da Penha aos casos de violência sofrida por transgêneros*, Santos e Rodrigues (2017) analisa o artigo 2º e mostra que o termo “toda mulher” nem sempre é levado a contento na hora de se pensar uma interpretação extensiva da lei, o que dificulta resguardar os direitos das transgêneras.

Finalizo este manuscrito com a intuição de que trouxemos reflexões para suscitar pesquisas e textos mais aprofundados sobre o tema. Este livro se constitui como impulsionador para leituras posteriores

e ao versar sobre feminismos e femininos não poderia me furtar de trazer o debate das mulheres LGBTQIA+. Ah! Sugiro o Documentário *Bombadeira*, produzido em 2007, que retrata o universo do renascimento de mulheres travestis e transexuais mostrando as dificuldades, as crises existenciais e os riscos de morte para garantir a feminilidade tão cara para quem materializa uma subjetividade avessa ao seu corpo físico.

## O Sagrado Feminino que habita em mim saúda o Sagrado Feminino que habita em ti

*Deus é mulher?*

*Hilda Hilst*

No início do ano de 2018 comecei a praticar meditações em um grupo formado para esse fim. Na certeza que foi uma preparação para o que vivenciei no fim do mesmo ano, no Capão, na Chapada Diamantina. Particpei de um Círculo de Mulheres, intitulado Workshop *Tecendo o corpo de luz dourado a partir do centro cardíaco*, mediado pela médica Cynara Pamplona. Ela utilizou técnicas de meditação mais aprofundadas a fim de ativar esse corpo e, assim, na minha perspectiva, abrir um canal de consciência para nós mesmas e um caminho curativo e de autoconhecimento através das Leis Universais. Foi uma experiência de 4 dias, única e incrível, constituindo-se um divisor de águas nesta minha existência haja vista, pela primeira vez, “solapei” o ego com seu poder de nos dominar e dirimir a nossa atuação no mundo. Disse sim à dimensão “do sentir” ao invés “do pensar”, apenas; e um grande canal de amorosidade se abriu para que eu voltasse ao meu útero, a minha vagina, ao meu clitóris e aos meus ciclos lunares de menstruação e concebesse tudo isso como espaço de acolhimento e recursos de contato com o meu sagrado feminino. Depois dessa experiência no Capão, a vida tornou-se de fato, maravilhosa, porque passei a olhá-la com mais amor e senti que estava ligada a todas/os/es as/os/es seres do Universo. Nesse contexto, aprendi e ainda aprendo, porque é um exercício diário de desprendimento, que todas as pessoas, como eu, carregam suas fragilidades, suas escolhas, seus valores, suas subjetividades e quem sou eu para julgá-las? O perdão e, por consequência, a compaixão, algo que exercitei como paciente nas terapias psicanalíticas, tornou-se

mais palpável porque, devagar, venho aprendendo que devemos pensar com o coração e a intuição. Antes da experiência do workshop, voltava-me no meu viver, na maioria das situações, para o campo mental, tendo a racionalidade sobreposta ao sentir, deixando passar algo sutil e constitutivo da nossa manifestação mulher, nosso sagrado feminino; aquela voz interior, intuitiva, sensível, sábia, criativa e criadora que nos faz conectar conosco e, ao mesmo tempo, com todas as forças que nos antecederam, nossa ancestralidade, a Natureza, a Mãe-Terra, as civilizações matricêntricas.

Uma inquietação tomou conta de mim e fui buscar o conceito de sagrado feminino nos escritos de mulheres e em vídeos do *youtube*. O primeiro texto que me deparei foi de uma companheira, Sandra Lukesi, que participou do referido círculo, mencionado no início deste manuscrito. As palavras escritas de Sandrinha, resultado de seus estudos de Pós-Graduação, abordavam o sagrado feminino, a ludicidade e o bordado, fazendo-me recordar, inclusive, do texto literário *A Moça Tecelã*, de Marina Colasanti. Na tessitura dessa primeira leitura “científico-sensitiva” – o texto de Sandra –, refleti sobre minha caminhada feminista e como poderia conciliar o aspecto do sagrado, do acolhimento, da sororidade e da irmandade ao ativismo.

Deparei-me, nessas buscas, com o livro *Ontologia do Sagrado Feminino*, de Patricia María Ingrasiotano, que me ajudou a compreender - compartilho as ideias principais aqui - , as estratégias de assujeitamento da mulher atreladas à ruptura do matricentrismo, matrifocalidade ou ginocentrismo<sup>1</sup> em que era o tempo da Deusa-Mãe com centralidade feminina nas esferas social, cultural e religiosa entre os povos antigos que, por sua vez, “não apresentavam hierarquizações de gênero e suas expressões de arte e religiosidade exibiam uma simbologia desenvolvida cuja centralidade é feminina e sobrenatural” (INGRASIoTANO, 2018, p.68). Já temos o dado de que o conceito de sagrado feminino remonta esse tempo de outrora em que a mulher era venerada pela sua fertilidade, seus ciclos menstruais e sua produção

---

<sup>1</sup> Termos que denotam centralidade feminina (INGRASIoTANO, 2018).

uterina do mesmo modo que a terra, face feminina da natureza, dava e dá o alimento e garante a sobrevivência da humanidade. Havia um respeito por aquelas, a mulher e a Mãe-Terra, ambas carregando mistérios no seu corpo, o que resultava numa relação mais amorosa e cuidadosa pelos ecossistemas. Arisco a dizer, nesse cenário, que essa relação se perde quando o patriarcado com a virilidade masculina, se torna o centro do poder; aquele que conquista, domina, coloniza e torna-se supremacia. E como se deu essa ruptura, a perda de contato com o sagrado feminino de outrora e tão valorizado pelas civilizações antigas? De acordo Ingrasiotano (2018), a Deusa-Mãe foi confinada a um anonimato pelo ego patriarcal. A começar pelo nascimento de Atena na cabeça de Zeus, obrigando as “filhas do pai” a adotarem modos de ser patriarcais para serem aceitas e ter um reconhecimento no Olímpio. Mais a frente, há as práticas medievais mediadas pelo Cristianismo. Exatamente nesse contexto histórico,

[...] por ser mulher, território do diabo, e por ser muito conveniente para os interesses políticos da época, refiro-me à Idade Média, esse desprezo ao corpo, e, sobretudo, ao corpo feminino, institucionalizou-se em uma perseguição sem precedentes conhecida com o nome de Santa Inquisição (INGRASIoTANO, 2018, p.112).

Queimavam-se corpos femininos porque as mulheres iam para as matas, cultuavam a Deusa-Mãe-Terra, transcendiam a si mesmas, relacionavam-se de forma respeitosa com os fenômenos da natureza e com os fenômenos do seu corpo. Massacrou-se a mulher, sua história, seu poder matricial, seu corpo e sua natureza cíclica de modo a reverberar até hoje em muitas mulheres quando negam a sua própria natureza e o que tem de mais sagrado, seus ciclos menstruais. Ainda ouço os gritos das mulheres-bruxas nas fogueiras...uma memória coletiva de repressão de mentes, emoções, espíritos, corpos e quem sabe se

[...] as dores e desconfortos que acometem a mulher durante o ciclo menstrual estão relacionados com esses registros...

explica-se assim o temor e rejeição a entrar em contato com as informações que transbordam de seus processos corporais ajudando a eles um caráter depreciativo (INGRASIO-TANO, 2018, p. 56).

Mas nossa memória coletiva também traz coisa boa! Relato que sempre tive uma relação amistosa com meus ciclos menstruais e não sabia o real motivo de tanta alegria quando via o sangue brotar das minhas entranhas. Hoje percebo que tal alegria e plenitude estão relacionadas com essa Deusa- Mãe-Terra e com as mulheres que me antecederam, as quais foram subjugadas ao patriarcado, no entanto, continuam vivas em cada corpo feminino ou cada corpo que proclama a sua feminilidade – lembrando das companheiras transexuais e travestis. Outra coisa boa na memória coletiva é a materialidade dos movimentos feministas que nada mais é do que uma proclamação da dignidade de gênero, nas esferas pública e privada, quando a mulher luta para si e para as outras desafiando instituições e os papéis confinadores do ser mulher na sociedade patriarcal.

Mencionei neste manuscrito sobre a minha caminhada feminista. Retomo e alinho com o conceito de sagrado feminino, especificamente quando Ingrasionato (2018) cita a obra *The Female Eunuch* que em seus fundamentos instiga as mulheres a desenvolver uma racionalidade baseada na emoção e na empatia, em oposição à racionalidade masculina, ao apelar para o instinto selvagem e o espírito destemido, a fim de trazer à tona uma mulher rebelde aos condicionamentos patriarcais. Com todo o respeito que tenho as mulheres que me antecederam e precisaram ativar uma racionalidade e manifestação masculinas, a exemplo do que foi analisado no manuscrito sobre o filme “As sufragistas”, neste livro, defendo a ideia de um feminismo que acolhe, que ampara, sobretudo, as mulheres; mesmo aquelas que criticam as feministas, aquelas que são reprodutoras do machismo. Atitudes como essas demonstram como as feridas e as cicatrizes de termos nos afastado da nossa essência sagrada ainda perduram; e como os modos de operar do patriarcado se materializam em todas nós. Meu maior aprendizado, hoje, é compreender essa dinâmica a fim de superá-la ao nutrir o sagrado feminino que habita



em mim ao passo que acesso o sagrado feminino que habita em outras mulheres, mediante uma reflexão diária de não julgá-las com as lentes patriarcais que foram construídas nas condições sociais, históricas e políticas. Assim, talvez, colocamos em prática o conceito de sororidade<sup>2</sup>, muito aludido em discursos, mas, muitas vezes, sem uma aplicabilidade dentro, inclusive, dos próprios coletivos feministas. O reconhecimento da perspectiva do sagrado feminino pode ser um grande avanço para a própria militância feminista, pois sugere uma reconstrução de nós mesmas e a tomada de consciência do quanto fomos violentadas e de como reproduzimos a mesma violência com outras mulheres. Para isso, um retorno a nossa ancestralidade para resgatar a nossa essência primeira: mulheres sagradas, amorosas, cíclicas, acolhedoras e aguerridas, afinal “o reconhecimento de uma sacralidade no outro...pode ser acessada quando reconhecida em nós” (INGRASIOTANO, 2018, p. 147). Finalizo com um recado da escritora Elisa Lucinda

### **Aviso da Lua que Menstrua**

Moço, cuidado com ela!

Há que se ter cautela com esta gente que menstrua...

Imagine uma cachoeira às avessas:  
cada ato que faz, o corpo confessa.

Cuidado, moço

às vezes parece erva, parece hera  
cuidado com essa gente que gera  
essa gente que se metamorfoseia  
metade legível, metade sereia

---

<sup>2</sup> “União e aliança entre mulheres, baseado na empatia e companheirismo, em busca de alcançar objetivos em comum” (<https://www.significados.com.br/sororidade>)

Barriga cresce, explode humanidades  
e ainda volta pro lugar que é o mesmo lugar  
mas é outro lugar, aí é que está:  
cada palavra dita, antes de dizer, homem, reflita...

Sua boca maldita não sabe que cada palavra é ingrediente  
que vai cair no mesmo planeta panela.

Cuidado com cada letra que manda pra ela!  
Tá acostumada a viver por dentro,  
transforma fato em elemento  
a tudo refoga, ferve, frita  
ainda sangra tudo no próximo mês.

Cuidado moço, quando cê pensa que escapou  
é que chegou a sua vez!  
Porque sou muito sua amiga  
é que tô falando na “vera”  
conheço cada uma, além de ser uma delas.

Você que saiu da fresta dela  
delicada força quando voltar a ela.

Não vá sem ser convidado  
ou sem os devidos cortejos...  
Às vezes pela ponte de um beijo  
já se alcança a “cidade secreta”  
a Atlântida perdida.

Outras vezes várias metidas e mais se afasta dela.  
Cuidado, moço, por você ter uma cobra entre as pernas  
cai na condição de ser displicente  
diante da própria serpente.

Elane Nardotto Rios

Ela é uma cobra de avental.

Não despreze a meditação doméstica.

É da poeira do cotidiano  
que a mulher extrai filosofia  
cozinhando, costurando  
e você chega com a mão no bolso  
julgando a arte do almoço: Eca!...

Você que não sabe onde está sua cueca?

Ah, meu cão desejado  
tão preocupado em rosnar, ladrar e latir  
então esquece de morder devagar  
esquece de saber curtir, dividir.

E aí quando quer agredir  
chama de vaca e galinha.

São duas dignas vizinhas do mundo daqui!

O que você tem pra falar de vaca?

O que você tem eu vou dizer e não se queixe:  
VACA é sua mãe. De leite.

Vaca e galinha...  
ora, não ofende. Enaltece, elogia:  
comparando rainha com rainha  
óvulo, ovo e leite  
pensando que está agredindo  
que tá falando palavrão imundo.

Tá, não, homem.

Tá citando o princípio do mundo!



## **Libertação do Corpo: possibilidades do Grupo de Dança-Terapia Alvorecer**

*Renda-se, como eu me rendi.  
Mergulhe no que você não conhece  
como eu mergulhei.  
Não se preocupe em entender,  
viver ultrapassa qualquer entendimento  
Clarice Lispector*

Quando voltei para Jequié, no estado da Bahia, em 2015, após 3 anos no doutoramento, em Salvador, fui em busca de algo mais que, naquele momento, não era uma coisa definida para mim...mas aconteceu...eu, dançarina, numa aula de dança terapia, sob a orientação da professora e psicanalista Carmem Borges. De forma objetiva, segura e determinada, Carmem ia mediando a sua aula com expressão corporal, ritmo e muita magia ao nos mostrar que o corpo é algo especial e sagrado podendo ser “mexido”, burilado e quiçá poetizado... mexendo o corpo vamos mexendo nas nossas “amarras”, nas nossas questões...um diálogo que se inicia na coletividade e se volta para nós mesmas, no fórum íntimo. Ao final dessa primeira aula, depois de técnicas de relaxamento e terapia de grupo, fui apresentada a outras mulheres. Percebi a importância de um espaço como este, em Jequié, para o fortalecimento feminino e feminista...deparo-me com uma mulher feminista “de prática”, a professora, pois, através de uma política corporal, fui dando voz ao corpo e, por consequência, voz a minha autonomia, independência, atitude e empoderamento diante dos papéis femininos que incorporamos ao longo da vida...vamos adentrando no nosso universo feminino...tão caro e raro em um mundo construído em bases conservadoras, machistas e misóginas...um mundo, historicamente, feito por homens para mulheres habitarem.

O Alvorecer (nome dado ao Grupo de Dança), ao contrário disso, é um espaço constituído e habitado por mulheres...100 mulheres! Dançamos e fazemos terapia de diversas formas: ao final de cada aula; no retiro terapêutico na Fazenda; nos cafés, nas festas, nos ensaios dos espetáculos; nos encontros diários de grandes e pequenos grupos; na meditação; nos papos terapêuticos; na construção de amizades verdadeiras; nas viagens nacionais e internacionais; entre outras atividades. Alguém pode perguntar: é um grupo de mulheres que não têm o que fazer? Não! Somos mulheres, profissionais – da casa à rua...cada uma com suas demandas e atribuições diárias...cada uma com a sua caminhada...o que nos iguala? SOMOS DANÇARINAS...e por que não? Permitimos a nós mesmas um espaço exclusivamente nosso em que podemos mexer em tudo...do corpo à alma! Carmem Borges, professora e criadora do Grupo Alvorecer, com muita coragem, inspiração e determinação, escutou e escuta sensivelmente a tantas mulheres. Com a palavra, a professora:

[...] o mundo da dança Alvorecer enquanto projeto real se faz presente, e entendendo o mundo feminino, do qual sou parte, busco dar oportunidades para que essas mulheres repensem suas histórias, impliquem-se consigo mesmas, passem a ter mais leveza no seu cotidiano e despertem para um caminho onde a forma e a expressão se fundem e os gestos amplifiquem a alma nos movimentos; e que o corpo, espírito e mente se equilibrem, tornando-as mais livres e leves no seu caminhar (Trecho retirado do Projeto Alvorecer apresentado na Cidade de Santiago, Chile).

## REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Luiza M.; ABAURRE, Maria Bernadete M.; PONTARA, Marcela. **Português – Contexto, interlocução e sentido**. Vol. 1. São Paulo: Moderna, 2016.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Tradução de Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. 3ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 1993.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Vol. 1. Círculo do Livro: São Paulo, 1949.

\_\_\_\_\_. **A força da idade (v. 1)**. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

BECALLI, Fernanda Zanetti,. **O ensino da leitura no Programa de Formação de Professores Alfabetizadores (PROFA) 2007**, 251 f. Dissertação de (Mestrado em Educação). – Programa de Pós- Graduação em Educação. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2007.

BRASIL. Lei nº 9394. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: 1996.

\_\_\_\_\_. Proposta em Discussão: **Políticas Públicas para a Educação Profissional e Tecnológica**. Brasília: Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica, Ministério da Educação, 2004.

\_\_\_\_\_. **Um novo modelo em Educação Profissional e Tecnológica – concepções e diretrizes**. Brasília: Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica, Ministério da Educação, 2010.

\_\_\_\_\_. Plano Nacional de Educação - **PNE/Ministério da Educação**. Brasília, DF: INEP, 2014.

CARVALHO, Daniela Dantas; YASUDA, Thais Guedes. A sub-representação feminina na política brasileira em face das inovações democráticas e legislativas. **Virtua. Jus**. Belo Horizonte, v.13, n.1, p. 363-383, 1º sem. 2017, ISSN: 1678-3425.

COELHO, Nelly N. **Literatura: arte, conhecimento e vida**. São Paulo: Petrópolis, 2002.

COLASANTI, Marina. **A Moça Tecelã**. São Paulo: Global, 2015.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. Tradução Heci Regina Cadiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FREIRE, P. **Conscientização: Teoria e Prática da Libertação**. 3. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

INGRASIoTANO, María Patrícia. **Ontologia do Sagrado Feminino – a outra história precisa ser contada**. Curitiba: Appris, 2018.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Ana Maria. **A audácia dessa mulher**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

MACHADO, Ana Maria. **História meio ao contrário**. 25ª ed. São Paulo: Ática, 2005.

MACHADO, Ana Maria. **Bisa Bia, Bisa Bel**. 3ª ed. São Paulo: Moderna, 2007.



MACHADO, Ana Maria. **Enquanto o dia não chega**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

MUTTI, Vanessa. Lugar de mulher é na Eletromecânica. **Caderno de Teses**. 1º Encontro Nacional de Mulheres do Sinasefe. v.1, p. 57-62, Brasília, 2018.

NARDOTTO, Elane. Colaboração, Formação Docente e Produção de Conhecimento em Pesquisa. **Revista Profissão Docente**. V. 16, n. 35, p. 48-56, ago-dez, Uberaba, 2016.

\_\_\_\_\_. **Do Gaveteiro à Análise Linguística: práticas colaborativas no ensino de Língua Portuguesa**. Ibicaraí: ViaLitterarum, 2018.

OSHO. **Amor, liberdade e solidude**. Tradução Leonardo Freire. Editora Cultrix: São Paulo: 2001.

PACHECO, Eliezer. **Os Institutos Federais: Uma Revolução na Educação Profissional e Tecnológica**. Brasília: Editora Moderna, 2011. Disponível em < [http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/insti\\_evolucao.pdf](http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/insti_evolucao.pdf)>. Acesso em: 19/09/2015.

REZENDE, Daniela Teixeira; QUIRINO, Raquel. Mulheres na Ciência e na Tecnologia: por que tão poucas?. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 11. **Anais Eletrônicos**. Florianópolis, SC, 2017, ISSN 2179 – 510X.

SANTOS, Stephanie; RODRIGUES, Juliana. A Aplicabilidade da Lei Maria da Penha aos casos de violência sofrida por transgêneros. **Revista Científica Eletrônica do Curso de Direito**. 11º Edição. Jan 2017. ISSN 2358-8551.



### **...sobre a produção poética...**

O que seria do mundo sem a poesia? Sem os escritos que brotam da alma e que dialogam com tantas subjetividades e com olhares outras/os/es? Na aposta de que os escritos que seguem sejam o melhor que escrevi, pois expressam a essência feminista, feminina e o encontro com tantas mulheres e comigo mesma. Dei voz ao que estava, talvez, latente para ser dito, registrado e atravessado pelas gerações e itinerâncias experimentadas entre as mulheres. Eis que apresento a versão em versos deste livro, manuscritos poéticos Mulherar!

Elane



## **Alma quente**

Pronta  
Para a verdade  
Para qualquer sentimento  
Todo sentimento  
Nada a esconder  
Quentura da emoção  
Intensidade  
Pronta para dizer  
Sempre...sem véus

## **Aqui, agora**

Aqui permaneço  
Sou pouso  
Para qualquer amor  
Não para completar  
Nem ser completada  
Inteira sou  
Aqui permaneço  
Sem espera  
Apenas, aqui  
Para trocar  
Compartilhar  
Simplesmente aqui

## **Curas**

Sentir feridas de outrem  
É reconhecer que ferimos outrem  
A exclusão de outrem  
Olhar para nós  
Repetimos?  
Reconhecer a dor de outrem  
Sentir a dor de outrem  
É caminho de transformação  
Olhar para dentro de nós  
Na dor  
Compreensão  
Da dor de outrem  
Cura  
Libertação  
Para mim  
Para outrem

## **Desapego**

Completamente entregue a tudo  
Aos sabores  
E dissabores do fluxo da vida  
Sem amarras  
Sem prisões  
Nada se controla  
Desapego  
Desapega  
Apega...Entrega

## **Empréstimo**

Veze em quando  
Empresto meu coração  
A uma pessoa  
Tanto faz a quem emprestar  
TEMPORARIAMENTE  
Reconhecer que pertenço a mim  
O amor nasce aqui  
Primeiramente  
Aqui permanece para sempre

## **Encontro**

Curada de mim  
Estar em mim  
Encontrar-me  
Eu, companheira de mim  
Mergulhar na minha essência  
Permanecer para sempre

## Sinta

Não precisamos ser  
Apenas sentir...estarmos conosco mesmo  
Sentir a leveza e o sentimento de pertencer a nós mesmas  
Compreender que dentro de nós está a nossa energia suprema  
A luz...aquela que está conectada com o mais sensível  
Com o mais precioso e primoroso  
Nós mesmas...energia que atravessa gerações  
Na nossa ancestralidade...quicá adormecida  
Um sopro...um sinal...uma escuta...  
O acordar...a transformação e expansão de amor  
A leveza reagiu...acordou...  
Dentro de mim...presa a mim...  
Na fluidez do corpo dourado de luz...  
Sensível e vivo para potencializar outros corpos de luz  
Tornei-me luz e energia...ser luz para a luz!



## **Essência**

Solapa o ego  
Sentir  
Sentir  
Soltura do pensamento  
Sensibilidade  
Caminhos das fadas  
Dos seres de luz  
Luz  
Fada  
Pura sensibilidade  
Expansão do meu ser  
O infinito  
Energia mais pura  
Fada  
Luz  
Não sou  
Apenas, essência

## **Expansão de amor**

Tocar em mim  
Sentir em mim  
Estar em mim  
Sentir a leveza que emana de mim  
Expandir amorosidade  
Tudo e para todos  
A vida faz sentido  
A existência faz-se plena  
Emanar luz, amor, serenidade  
A leveza de uma pena  
Representa o sopro  
No alto da montanha  
O sopro  
A escuta  
O sopro supremo  
O retorno para mim  
Expansão do melhor de mim

## **Fadas**

Um chamado  
Retorno ao Sagrado Feminino  
Liberdade de ser  
Não ser, também  
Simplesmente sentir  
Pura leveza  
Fada  
Flores  
Flores do bem viver  
Unidade  
Simbiose  
Mulher, Fada, Flor

## **Ilusão**

Ilusão?

Que venha a realidade  
Outra pessoa é outra pessoa

Não nos completa

A inteireza é individual  
Como prática libertadora

Existência como única

Encontros?

Livres

Pessoas inteiras que se encontram

Compartilham inteirezas

Completude é única e solitária

Encontro comigo

Encontro com outras

Outras existências

Inteireza do meu ser encontra outra inteireza

Plenitude dos encontros

Beleza dos encontros

## **Inclusão**

Sinta-se incluída  
Dentro de si  
Melhor inclusão  
Dentro de nós  
De dentro para fora  
Passeio interior  
Expande processos amorosos  
Com outras pessoas  
Aceitamos nossas limitações  
Imperfeições e dores...  
Inclusão torna-se plena  
Afetiva e efetiva  
Exclusão  
Ausência de auto inclusão  
Aquilo que mexe  
Com alicerces profundos  
Por dentro

## **Mulher**

Ouçã a canção  
Solte o corpo  
Sinta a energia  
Permeiar o ser  
Dance  
Vibre  
Sinta o círculo de luz  
Atravessar o ser  
Leveza  
Leveza do ser

## **Livre**

Fecho os olhos  
O chamado  
Toco meu mais puro eu  
Beijo-me  
Abraço-me  
Amo-me  
Encarno-me  
Sinto-me  
Minha pele  
Minha alma  
Transforma-se  
No único ser livre  
Encontro de amorosidade  
Ato de amor  
Acaricio-me  
Minhas mãos deslizam pelo meu corpo  
Meus dedos tocam minha pele  
Meus lábios alcançam partes de mim  
Completa  
Inteira  
Alma  
Plena  
Leve  
Livre

## Mãe

Quando olho para as marcas da minha mãe  
Vejo sinais de vidas outras  
Narrativas outras  
Múltiplas mulheres  
Gerações e gerações  
Mulheres que estão nela  
Estão em mim  
Reverberam nas mulheres  
Que saíram de mim  
Somos uma só  
Somos frutas  
Somos sementes  
Para sempre

## Moça

Compartilhar nossa amorosidade  
Compreender a unidade de duas almas inteiras  
Um encontro necessário  
Para esta existência  
Nossas almas dialogam sem mesmo sabermos  
O amor mais sublime...mais precioso  
Só enxerga a alma e a luz  
Livre para viver esse amor supremo  
Livre  
Um sopro  
Olhares  
Encontros  
Moça  
Da poesia viva  
Do coração sofrido e amoroso  
Voltar para mim  
Moça inteira que sou  
Expandir para ti...só assim...  
A plenitude!

## **Perdas e Encontros**

Perder-se no mundo de outra pessoa?

Perder-se?

Dentro de mim

Encontro a mim mesma

Não há possibilidade de encontro

No mundo de outra pessoa

Perder-se?

Dentro de mim

Assim...o amar para mim e por mim

## **Por dentro de mim**

Sou uma mulher inteira

Dona de mim

Sem medo de mim

Pronta para viver a plenitude

E o que há de mais importante em mim...

Minha liberdade

Como?

Dialogando com o mais sagrado e precioso em mim...

Minha amorosidade estava adormecida

Acabou

Acordou

Viva! Livre!

Viva! Livre



## **Predadora de mim**

Silêncio  
Diálogo  
Compreensão  
Retorno  
Superação  
Inclusão  
Desenvolvimento  
Amorosidade  
Sinal  
Sinal  
Escuta  
Mudanças  
Transformação  
Amor  
Amor  
Amor

## **Silêncio**

Sagrado silêncio  
Espaço de libertação  
Inquietação  
Serenidade  
Aguarde  
Acolha  
Respeite  
Para mim  
Para ti

## **Solitude**

Caminhada solitária  
Toda a vida  
Troçamos, encontramos, perdemos,  
Compartilhamos experiências  
Caminha solitária  
Fortaleza na solitude  
Temos a nós  
Todo o tempo  
O próprio amor  
Caminhada solitária  
Libertar pessoas das nossas amarras  
Caminhada solitária  
Solitude...nosso encontro  
Nosso amor maior  
Livre! Liberdade!

## **Tempo**

Perdi o medo de mim  
Olhar minhas marcas  
Meus olhos vivos e vividos  
O tempo passa  
Eu passo  
Na certeza da minha memória  
Para sempre  
Em um tempo que passa

## **Transborda**

Experimentar  
Enquanto há existência  
O adormecido desperta  
Desejo latente  
Essência  
Retorno ao passado  
Solapa o reprimido  
Pulsa para a existência  
Sem culpa  
Transborda  
Transborda

## **Vazio**

Reconhecimento da existência  
Encontro com o ser  
Solidão no mundo  
Fugir?  
Ocupar?  
Não  
Possibilidade de desenvolvimento pessoal  
No estar no mundo  
Momento de descobertas  
De si para si

## **Ventre**

Fonte de luz  
Duas flores  
Duas preciosidades  
Duas mulheres  
Sementes de luz  
Frequência de amor  
Amoras de mim

## **Vida**

Vivi  
Passei pela vida  
Não ela por mim  
Experimentei  
Mergulhei  
Sangrei  
Chorei  
Gargalhei  
Amei  
Amei  
Amei  
Diferentes amores e amoras  
Ciclos...ciclos...ciclos  
Vale a vida  
viver



ISBN: 978-65-88985-02-1



9 786588 985021